

A UPC – União dos Planetas Confederados – fazia dez anos de existência. Os quatro planetas fundadores – Antares, Canus, Capela e Goodles – agora tinham a companhia de Canopus e Juliet. A construção da sede em Hedén, capital de Goodles, estava pronta, e o QG da Frota Branca, na órbita de Antares, quase finalizado. Dois anos após a Batalha de Cassiopeia — onde a UPC derrotou definitivamente seus inimigos mizzarianos — a frota já havia dobrado de tamanho. Com vinte naves, tornara-se símbolo crescente de poder e influência. Aos poucos, o Presidente Cardan Varlen cumpria suas promessas, conduzindo a UPC a um novo patamar. Para comemorar a data, Cardan organizava um extenso anúncio de medidas importantes e articulava negociações diplomáticas envolvendo Paracelsianos, Draconianos e Drüir.

— Embaixadores, bem-vindos a Hedén — Varlen saudou os convidados na ampla sala da presidência. Sem luxo, pois Varlen era um ex-militar e preferia tudo muito funcional. A sala tinha tons de azul-claro e dourado. O emblema da UPC reluzia no chão de mármore branco — a flor-de-lis azul com as quatro estrelas douradas, simbolizando os quatro planetas fundadores e, agora, mais duas estrelas azuladas, símbolo dos novos associados. Suas janelas davam para as imensidões verdes e douradas do planeta paradisíaco de Goodles. Nos céus, os anéis brilhantes do planeta contrastavam com um azul profundo, sem nenhuma nuvem.

Os embaixadores sentaram-se em cadeiras identificadas na grande mesa de vidroaço escovado — toda a mesa era um grande painel holográfico onde, em cada posição, era possível acessar dados e elevá-los ao centro para apresentações. As cadeiras, confortáveis e de encosto alto, traziam os brasões dos planetas de cada um dos delegados convidados.

Na penumbra cerimonial do grande salão, erguia-se a figura singular do embaixador Lerian Norel — um draconiano cuja presença transcendia o ordinário e se impunha como uma lenda viva. Seu corpo, revestido por escamas de um azul profundo e cintilante, parecia talhado pelas próprias mãos do cosmos, mesclando a majestade ancestral dos dragões com a elegância dos grandes diplomatas goodlesianos.

Das suas costas brotavam asas monumentais, cuja envergadura rivalizava com as cortinas do céu. As membranas, de um tom mais claro e translúcido, ondulavam suavemente como véus de seda ao menor movimento, evocando tanto poder quanto graça. A cabeça, coroada por chifres curvos e uma crista de espinhos, era um estandarte de autoridade — um lembrete de que este embaixador não apenas negociava, mas também comandava.

Seu traje era uma obra de arte em si: um casaco negro, de corte impecável, adornado com arabescos prateados e detalhes brancos que cintilavam sob a luz. Sobre os ombros, repousava uma capa púrpura, símbolo de sua nobreza e do peso de sua missão. Em sua mão direita, o cajado ornamentado reluzia com runas antigas — talvez um relicário de sabedoria ou um canal de poder arcano. Na esquerda, um anel dourado brilhava com mistério — um pacto, uma promessa ou um segredo guardado. Apesar das garras afiadas e da cauda que se movia com precisão letal, Lerian Norel mantinha uma postura serena, quase meditativa. O olhar profundo como os mares de Canopus e determinado, revelavam um espírito forjado por batalhas e negociações, por perdas e conquistas. Ele não era apenas um emissário — era um arquétipo de equilíbrio entre força e diplomacia, entre o instinto e a razão.

Se o embaixador Lerian Norel era um cometa em pleno voo, Go'Mer Traz, o Drüir, era a rocha incandescente que resiste ao tempo — pequena, densa e absolutamente imperturbável. Com apenas 1,10 metro de altura, o Primeiro-Ministro Drüir podia parecer insignificante ao lado do colossal draconiano, mas sua presença era como a de um vulcão adormecido: discreta, mas carregada de poder. Sua pele verde e escamosa reluzia sob as camadas de roupas que o envolviam como uma armadura térmica. Go'Mer não apenas tolerava o calor — ele o exigia. Envolto em tecidos densos e sobrepostos, cada peça de seu traje parecia escolhida não apenas por função, mas por tradição. Correntes douradas e joias cintilantes adornavam seu terno negro, refletindo uma sofisticação que desafiava sua estatura. A gravata preta e a camisa branca, impecavelmente alinhadas, contrastavam com o fogo laranja intenso de olhos atentos, cuja intensidade revelava uma mente afiada e uma alma ardente.

Sua postura ereta transmitia firmeza, quase um desafio velado, desde o instante em que cruzou as portas do gabinete presidencial. Uma das mãos permanecia ao lado do corpo, contida, enquanto a outra se erguia com elegância calculada para saudar o Presidente Varlen — um gesto que oscilava entre a diplomacia e a ameaça. Go'Mer Traz não precisava de asas para voar alto nos jogos de poder. Ele era o estrategista, o arquiteto silencioso por trás das alianças mais improváveis e das vitórias mais discretas. Onde Lerian ruge, Go'Mer sussurra — e ambos impõem presença. Juntos, esses dois representantes de raças draconianas formavam uma dupla que transcendia aparências. Um era o trovão; o outro, o relâmpago. E, quando caminhavam lado a lado, o mundo parava para vê-los passar.

No centro da cúpula diplomática, onde os murmúrios se entrelaçavam com intenções veladas, ergueu-se a figura enigmática do Presidente Zertan Palamar — líder da Associação Tecnomágica de Paracelsus e estrategista da nova era interplanetária. Sua andrógina, esguia e envolta em vestes neutras de corte elegante, destoava deliberadamente dos trajes exuberantes típicos de seu planeta natal. Era uma escolha calculada, um gesto de adaptação e respeito — como quem já compreendia os códigos da União dos Planetas Confederados antes mesmo de ser aceito nela.

Zertan era uma mariposa humanoide, mas qualquer semelhança com a fragilidade terminava na superfície. Suas asas, de padrões intrincados em laranja e preto, mantinham-se recolhidas com dignidade, como pergaminhos de guerra que só se abrem quando necessário. Algo na maneira como observava a sala dava a sensação de que nada escapava à sua percepção — nem a hesitação nos gestos, nem o breve desvio de um olhar alheio. As antenas, finas e arqueadas, estremeciam no ar carregado de tensão, como se traduzissem em silêncio os pensamentos que ninguém ousava pronunciar.

Sua reputação precedia sua presença. A frota tecnomágica que comandava fora decisiva na Batalha de Cassiopeia, dois anos atrás — uma vitória que não apenas salvou o Presidente Varlen, mas também redefiniu o equilíbrio de poder na galáxia. Desde então, Zertan Palamar não era apenas um presidente: era um símbolo de eficiência, inteligência e adaptação. Agora, diante dos representantes da UPC, ele não falava — ele escutava. E, quando decidiu falar, cada palavra seria uma peça no tabuleiro cósmico.

— Sentem-se, meus amigos — disse Varlen, sempre com um sorriso diplomático, sentando-se na cabeceira da mesa entalhada com as chamas vermelhas de Antares, seu

mundo natal. — Muito já conversamos sobre a adesão de seus planetas à UPC, e muito mais há de ser conversado. Faço questão de esclarecer para todos a nossa união. O Presidente Palamar já é um companheiro de conversas, e falta pouco para seu planeta estar ao nosso lado definitivamente. Por isso está aqui, para, junto de ambos, Embaixador Norel e Primeiro-Ministro Traz, mostrar o que há de melhor na UPC e cortar arestas para que todos possamos ficar satisfeitos com nossa união.

— Agradecemos o convite, Presidente Varlen. Depois dos últimos acontecimentos, ficamos felizes em vir conhecer a tão falada UPC — disse Norel, com voz de trovão e olhos paternais.

— Sim, ficamos sabendo da ameaça mizzariana. Apesar de termos nossos próprios problemas com os Polaris — disse Traz, a voz sibilante e afiada contrastando com a ferocidade em sua postura.

Os Polaris são humanoides de um planeta gelado e distante, cujo avanço voraz em busca de recursos havia desencadeado uma guerra contra Dracon. Fiéis a seus aliados, os Drüir tomaram para si as dores draconianas, sustentando um conflito que permanecia em suspenso havia cem anos.

— Meu mundo é pequeno e frágil e, mesmo sob o patronato draconiano, sabemos que as ameaças podem se tornar bem mais sérias.

— Meus colegas, não se preocupem. Um dos pilares da UPC é exatamente a defesa mútua entre nossos correligionários. Nenhum planeta vai se atrever a atacá-los quando estiverem ao nosso lado — afirmou o Presidente Palamar. Era um daqueles políticos profissionais: tinha sede de poder e palavras doces para ouvidos sedentos.

— O Presidente Palamar está certo. Aqui nós nos defendemos, além de explorarmos e fazermos ciência. São pilares importantes — disse Varlen, que sabia que Palamar tinha pretensões no futuro. — Vamos repassar a vocês todos os aspectos, diretrizes e leis da UPC. Uma carta de intenções será preparada, e espero a presença de todos nas festividades de dez anos da união. Vamos, vou mostrar-lhes os prédios e nossas dependências. Depois, o Almirante Ydrael vai levá-los a Antares para conhecer nossa frota.

Varlen preparava bem o terreno e, em pouco tempo, a UPC estaria presente em diversos pontos do Quadrante Ômega da galáxia — convencionalmente descrita como uma imensa elipse dividida em quatro setores. Os quadrantes superiores eram Gamaris, à esquerda, e Epsilonis, à direita; abaixo, ficavam Sigmaris, à esquerda, e Omegarais, à direita.

As distâncias eram colossais: alguns sistemas, como Rastaban e Eltanin — lares de Dracon e Drüir, respectivamente — exigiam vários dias de viagem para serem alcançados. Outros, como Canus, só podiam ser acessados através de buracos de minhoca. Por isso, as pesquisas sobre velocidade de dobra tornaram-se um dos grandes projetos de Varlen. Por isso, as pesquisas sobre velocidade de dobra tornaram-se um dos grandes projetos de Varlen, cuja visão era garantir que a UPC pudesse superar barreiras tão vastas.

— Podemos começar a reunião, discutindo alguns assuntos estratégicos como políticas de segurança e depois passamos para rotas comerciais — começou Varlen abrindo as telas com as informações.

A discussão tomou várias horas entre os representantes dos planetas, o presidente e seus auxiliares, mas nada de chegar a conclusões, pois Go'Mer Traz sempre tinha um, porém.

A sala de reuniões estava carregada de dúvidas e tensão. Quatro delegados falavam ao mesmo tempo, cada qual defendendo sua posição com fervor. As telas holográficas projetavam mapas territoriais e cifras alarmantes, mas nada avançava.

Zertan Palamar não ergueu a voz. Apenas levantou a mão, pedindo a palavra, e o silêncio se fez — não por imposição, mas pela curiosidade que seu gesto discreto despertava.

— Senhores — disse, com uma calma que contrastava com o clima inflamado —, discutimos há horas sobre quem cederá o quê, mas ainda não definimos o que todos ganham juntos.

Ele reposicionou os mapas com um deslizar dos dedos no console e, em segundos, reorganizou as projeções para mostrar rotas comerciais otimizadas, custos reduzidos e novos pontos de segurança interplanetária.

— Se ajustarmos as fronteiras aqui — apontou, deslocando um setor inteiro com precisão cirúrgica —, ninguém perde território estratégico, todos ganham acesso a três novas rotas, e ainda reduzimos o custo de patrulhamento em 12%.

O Presidente Traz tentou objetar, mas Zertan já antecipava o argumento e respondeu antes que fosse formulado, ajustando dados em tempo real.

Ao final, não houve votação — apenas a aprovação unânime. O primeiro passo estava dado.

Enquanto as luzes da sala se ajustavam para o encerramento, um assessor comentou em voz baixa:

— É por isso que ele nunca perde.

Zertan apenas sorriu, recolhendo seus documentos. Para ele, aquilo era só mais um dia de trabalho.

Mas, fora dos corredores políticos e das negociações veladas, outra frente da UPC se preparava em silêncio. Em um estaleiro orbital, distante da intriga dos gabinetes, uma nave singular aguardava sua hora. Forjada para uma missão única e jamais tentada, ela representava não apenas o avanço da ciência de dobra, mas também a aposta mais ousada do governo de Varlen.

A Doca Espacial de Antares fervilhava de atividade. Engenheiros, cientistas, oficiais e visitantes cruzavam corredores e passarelas, em um balé apressado e preciso. As novas naves da frota estavam em plena construção, mas duas se destacavam pela beleza e pelo estado quase concluído: a *UPC Liberdade* e a *UPC Antares*, ambas da nova classe *Alheus*, batizada em homenagem à Casa Real do planeta Antares.

Do hangar de observação, o recém-promovido Capitão Lukin Gar II acompanhava os últimos retoques na *Antares*, sua futura nave de comando. Ao seu lado, o Capitão Artacus Vortavox, comandante da *Liberdade*.

Lukin, embora ainda não tivesse completado cinquenta anos, exibia o semblante austero típico dos anciões capelinos.

Haviam-se passado dois anos desde a Batalha de Cassiopeia, mas seus olhos guardavam a serenidade de quem já atravessara tempestades — estelares ou não — e regressara com histórias que não precisavam ser narradas para serem compreendidas. Os cabelos prateados, como poeira lunar, caíam num desalinho calculado, denunciando que, apesar da disciplina militar, ainda havia nele uma centelha de liberdade indomada. A barba cerrada, salpicada de fios brancos, transmitia uma sabedoria prática, própria de quem conhece o valor do mapa, mas confia ainda mais no instinto. O uniforme azul, impecável, ostentava no peito a Flor de Lis dourada — símbolo da honra de um capitão recém-empossado — e, nos ombros, as insígnias que carregavam o peso de vidas e destinos. Ele passou os dedos pelo queixo, num gesto tranquilo, mas seguro, que sugeria saber mais do que deixava transparecer: não o gesto de um ingênuo, mas o de alguém que, mesmo após décadas no vácuo gelado do espaço, ainda encontrava razões para acreditar no que valia a pena proteger.

— São lindas, não é mesmo, Capitão Vortavox? — Lukin tinha um brilho nos olhos de admiração do novo design alongado da nave que comandaria.

— Sem dúvida. Os engenheiros se superaram. As duas são magníficas. Dias especiais nos aguardam a bordo delas.

Vortavox, veterano da República de Canus e recém-integrado à UPC, era baixo e magro, mas seu porte não lhe diminuía a presença. Sob a luz difusa das estrelas, erguia o focinho como quem fareja não apenas o vento, mas também os segredos do cosmos. Orelhas longas e atentas captavam murmúrios quase imperceptíveis, enquanto o pelo amarronzado e lustroso cintilava em reflexos acobreados e negros, como fogo antigo perdido na sombra silenciosa de um motor estelar. Seu uniforme, funcional e justo, ostentava a Flor de Lis dourada polida até o brilho máximo. Um leve estreitar de olhos revelou a chama silenciosa que queimava dentro dele — a rara mistura de lealdade e cálculo de quem pesa cada risco antes de saltar para o desconhecido. Mais do que explorador, parecia um sentinela entre mundos, guardião de fronteiras invisíveis.

Engenheiros passavam apressados pela passarela, carregando pads e falando entre si por comunicadores, movimentando a rotina da estação. O capitão Gar observava a cena com calma, atento a cada detalhe, como se cada gesto revelasse algo sobre a missão que se aproximava.

— E então, Capitão Gar, já tem sua tripulação? — perguntou Vortavox, quebrando o silêncio contemplativo.

— Ah, sim. Alguns antigos companheiros aceitaram o convite. O Comandante Tyran é o mais conhecido entre eles.

— Está com o melhor oficial médico da frota! — disse Vortavox.

Comandante Tyran Alheus era o médico mais condecorado e disputado da UPC, célebre por ter salvado milhares durante o Grande Terremoto de Larantis, capital de Canopus.

— Sem dúvida, um homem especial. E o senhor, Capitão? — Gar se virou para Vortavox, que observava os engenheiros flutuando no espaço.

— Ainda não! Nenhum! — respondeu sério... para então rir calorosamente, quebrando a carranca.

Gar riu junto, já acostumado ao humor canusiano.

— Se continuar assim, Capitão, vai acabar com uma nave cheia de cadetes. Os outros capitães vão levar todos os oficiais.

— Imagine só! Uma belezinha dessas nas mãos de cadetes que mal saíram das fraldas... seria um caos total — disse Vortavox, rindo de novo.

— Melhor se apressar.

Vortavox retirou do bolso um pad e ativou-o.

— Bem, Capitão Gar, foi um prazer encontrá-lo. Boa viagem. Nos vemos na volta. — Apertou-lhe a mão com firmeza.

— Faço os mesmos votos, Capitão Vortavox. Boa viagem com seus cadetes — brincou Gar, e ambos riram enquanto Vortavox se afastava para escolher sua tripulação.

Essa seria a primeira missão de exploração da UPC desde sua fundação, dez anos antes. Duraria três anos, com cada nave explorando setores distintos na orla média da galáxia. O objetivo: encontrar mundos que pudessem se associar à organização, reforçando sua filosofia de comunhão galáctica. Planetas tecnologicamente avançados — ou próximos disso — eram alvos preferenciais. Além da tripulação oficial, cada nave levaria um embaixador designado pelo Conselho de Embaixadas, responsável pelos primeiros contatos. Diplomacia era prioridade absoluta: novos aliados, não inimigos.

Lukin se sentia privilegiado por ter sido escolhido. Assim que soube da missão, colocou-se à disposição do Almirante da Frota Ydrael. Explorar o cosmos era um sonho de infância, e vê-lo prestes a se tornar realidade com sua primeira nave sob comando era quase surreal.

— Capitão Gar, apresente-se à ponte de comando da *UPC Antares* — ecoou a voz estridente no alto-falante, arrancando-o de seus pensamentos. Endireitou o uniforme e dirigiu-se para a nave que tanto admirara da base.

No vazio silencioso do espaço, a *Antares* surgia como uma obra-prima da engenharia, unindo função e beleza em harmonia quase orgânica. Seu casco branco, polido como marfim sob a luz estelar, desenhava a silhueta de uma flecha apontada para o infinito. Linhas douradas serpenteavam pela fuselagem, como pinceladas divinas, e painéis translúcidos exibiam cintilações azuladas, como correntes oceânicas presas sob vidro. No centro, um domo de comando se projetava suavemente, abrigando a mente eletrônica e a visão privilegiada do navegador. Estruturas na popa, repletas de escotilhas e corredores, prometiam abrigo para dezenas de vidas. Cada luz acesa no dorso da nave era um farol minúsculo — sinais de que, mesmo no frio implacável do cosmos, ali pulsava a chama de um lar móvel.

Quando o capitão entrou na ponte, o ambiente se aquietou, e o anúncio soou com clareza: — Capitão na ponte — informou o oficial de serviço, enquanto todos aguardavam sua orientação.

A ponte era o coração vivo da nave, iluminada por tons suaves de azul claro que transmitiam calma e precisão. No centro, sobre um patamar circular, erguia-se a cadeira do capitão — dourada, imponente, confortável o bastante para longas vigílias. As paredes, adornadas com discretos detalhes dourados, refletiam a luz difusa como se guardassem um brilho cerimonial. À frente, em nível rebaixado, ficavam o posto do navegador e o do piloto, ambos com cadeiras de couro preto e painéis holográficos. Nas laterais, o posto do Primeiro Oficial de Comando, o painel multifuncional do Oficial de Segurança/Tático e o console do Oficial de Comunicação completavam o círculo de controle. À frente, a vasta tela/para-brisa exibia o espaço, podendo se transformar em mapa estelar ou painel tático ao comando de um toque. Era mais que um centro de controle — era um templo de estratégia e liderança.

Gar observava quando seu primeiro oficial se apresentou.

— Capitão. — O homem endireitou-se. — Sou o Comandante Thor Starscream, seu Primeiro Oficial.

— Prazer em conhecê-lo pessoalmente, Comandante. Já conhecia seu currículo. Bem-vindo à *Antares*. — Gar estava satisfeito: Starscream era capacitado e vinha com excelentes recomendações.

Thor Starscream era a personificação da disciplina antarianana. Os cabelos loiros, como fios de luz, contrastavam com o frio brilho metálico dos consoles. A barba bem cuidada moldava o rosto firme, e os olhos verdes e translúcidos revelavam tanto a visão estratégica quanto a compreensão das batalhas silenciosas do espírito. Seu uniforme azul ostentava a Flor de Lis prateada, símbolo do juramento dos primeiros oficiais.

As horas seguintes foram de ajustes e explicações técnicas. Ambos começavam a explorar não apenas os sistemas da nave, mas também os contornos da futura amizade — feita de enigmas culturais e histórias não contadas.

— Obrigado, Comandante. Foi esclarecedor. Não errei na escolha do meu Primeiro Oficial — disse Gar ao final.

— Eu é que agradeço a oportunidade, Capitão. Não vou desapontá-lo. — Era sua primeira missão com a nova patente, e ele queria absorver tudo o que pudesse da experiência de Gar.

— Nos vemos amanhã, na cerimônia de lançamento. Descanse, Comandante. É uma ordem! — Gar deu uma piscadela antes que as portas do turbo elevador se fechassem.

A tensão de Starscream relaxou.

Passara dias dentro da nave em construção, memorizando cada sistema e corredor. Agora, aliviado, estava pronto para se preparar.

— Preciso arrumar minhas coisas e me despedir dos amigos... — murmurou, apressando-se pelo corredor. — Três anos fora... estou atrasado!

Ao abrir a porta do dormitório, encontrou um cenário caótico que não combinava com o oficial engomado. Suspirou.

— Lá vamos nós — disse, começando a catar meias, cuecas e objetos espalhados pelo chão.

O calor aconchegante da casa dos Docet destoava do inverno que comprimira o coração de Salma. Ela era esposa do Dr. Trots Docet, um dos engenheiros genéticos mais aclamados de Capela, e fazia duas semanas que não via o marido. Tinha abandonado emprego, estudos e vida social para cuidar dos dois filhos — Elan, seis anos, e Ifran, três — e a rotina doméstica havia se transformado numa corda bamba sobre a qual ela se equilibrava sozinha. Na primeira gravidez, Trots fora presente: carinhoso, atento. Na segunda, sumira — engolido por uma possessão silenciosa pelo trabalho. O laboratório o devorara. Ele esquecera a família, a casa, qualquer sinal de vida fora de sua pesquisa.

Salma manteve-se firme até onde pôde, mas, dia após dia, uma tempestade crescia em seu peito. O nó que se formava ali chegara ao ponto de transbordar: decisões impossíveis se tornavam inevitáveis. Ela se sentia esgotada, feia, perdida. Com 1,73m, antes esguia e ereta, agora parecia encolhida sob o peso invisível que trazia. O corpo magro curvava-se numa leve dobra a cada respiração; os longos cabelos prateados caíam desalinhados sobre um rosto pálido, marcado por noites em claro e dias que não terminavam. Os olhos, antes vivos, estavam vermelhos e inchados, vidrados por lágrimas recentes. As mãos finas tremiam ao ajeitar a alça da bolsa: não havia maquiagem que escondesse as olheiras profundas ou a mandíbula cerrada de quem guardou palavras demais.

A casa, em tons pastéis, estava tomada pelo caos: brinquedos e roupas espalhados por todos os cantos, um sofá sem lugar para sentar-se. Os meninos haviam saído cedo para a escola — ela os deixara há apenas uma hora — e Salma, parada no meio da sala, sentiu a urgência de um começo e o pavor do fim. Perguntas rodopiavam em sua cabeça: Onde estaria Trots? Como chegaram àquilo? Em vez de respostas, lágrimas enchiam-lhe os olhos. Ela as enxugou com um gesto seco e decidiu: era o fim daquela espera.

Subiu as escadas pesadamente. No quarto, atirou malas sobre a cama ainda desarrumada. Olhou para o lado em que o marido deveria dormir e lembrou que já haviam se passado duas semanas. Jogou as roupas — primeiro as suas, depois as das crianças — sem se importar em dobrar. Era a prática de quem tinha urgência de partir. Foi nesse momento que ouviu a porta da sala abrir lá embaixo.

Trots subiu as escadas com o andar arrastado de quem dormia mal até o último fio de força. Parou ao vê-la, e a pergunta saiu com um ar alheio, quase estúpido na concisão.

— Olá, Salma. Vai viajar com os meninos?

Ela o olhou como se ele tivesse perguntado se o sol estava quente — incredulidade e raiva misturadas.

— Duas semanas, Trots. Duas semanas que você não aparece. E agora vem me perguntar se vou viajar? — A voz veio cortante. Enquanto falava, atirava roupas na mala como se cada peça fosse um argumento.

Trots piscou várias vezes, desconcertado. O tempo no laboratório demolira seu senso do mundo.

— Me desculpe... Eu perdi a noção do tempo — murmurou, a culpa tentando ganhar forma diante do desespero.

— Sempre a mesma desculpa. — Salma apertou os dentes. — Agora acabou. Vou embora com os meninos. Vou para a casa da minha mãe. Preciso descansar. Preciso pensar. — A roupa amassada na mão era um símbolo de tudo que ela não podia consertar.

Trots recostou-se no batente, exausto. — Não, espere. Eu vou dar um jeito. Vou ficar mais em casa. — A oferta soou vazia.

— Você não se aguenta em pé, Trots. Vai largar a pesquisa? — ela o empurrou com as palavras, expondo o nó entre suas esperanças e suas acusações.

— Não. — Ele sacudiu a cabeça, o desespero começando a abrir fendas na voz. — Mas posso trabalhar aqui! Em casa!

Salma lançou um riso curto, amargo. — Eu não quero você trabalhando aqui. Eu quero você aqui, ao meu lado, ao lado dos seus filhos. Pela Luz de Egrom, você está se matando e nem percebe! — A acusação era um grito que vinha de noites e manhãs acumuladas.

Trots ergueu a voz, seco, defensivo. — Não estou! Nossa civilização precisa do que procuro! Você nunca compreenderá o que significa lutar por algo maior, porque pensa só em si!

— Não me venha com isso! — Salma avançou, as palavras como um aríete, a voz trincada pela fúria. — Você ousa dizer que eu não luto por algo maior? Eu lutei por você todos os dias! Lutei quando você não estava, quando as crianças choravam de noite chamando o pai que não vinha. Lutei para manter esta casa, esta família, enquanto você corria atrás dos seus malditos ideais. Você quer salvar um planeta inteiro e esqueceu-se de salvar o nosso mundo! Esqueceu-se de mim! Eu entreguei a minha vida a você. O que recebi? Silêncio. Ausência. Vazio.

Sem esperar resposta, Salma atirou a última peça na mala, passou por seu marido e trancou-se no banheiro. O pranto, finalmente, veio livre e pesado.

Trots passou as mãos pelos cabelos como quem tenta varrer o cansaço. Caminhou até a porta do banheiro e tentou abri-la, sem sucesso.

— Se é isso que você quer, vá embora então. — A voz, por trás da madeira, tremia num misto de ameaça e desespero. — Quando eu terminar a pesquisa, eu buscarei meus filhos.

— Você jamais vai tirar meus filhos de mim, Trots! — ela gritou, ajoelhada no chão cerâmico. — Pela Luz de Egrom, eu juro!

Desnortado, Trots explodiu:

— Eu quero que Egrom se apague e me livre de sua presença angustiante!

Para os devotos, Egrom era a luz suprema, o próprio sol em sua forma divina — mas, para Trots, naquele instante, não passava de uma sombra opressora.

— Egrom é apenas uma estrela, distante e inacessível, Salma! — A última sentença soou mais desesperada que convincente.

— Eles ficarão comigo — ela respondeu entre soluços. — Sempre.

Cansado, Trots foi para o quarto de hóspedes, bateu à porta e adormeceu logo em seguida. O silêncio voltou a tomar a casa. Salma saiu do banheiro quando o pranto cessou numa exaustão tão funda que só restou uma calma dura. Terminou de arrumar as malas quieta e, carregando-as com dificuldade, desceu as escadas até o veículo na garagem, partindo logo em seguida.

Passou pela escola e recolheu as crianças; Elan, atento, percebeu que havia algo errado.

— Para onde vamos, mamãe? Este não é o caminho de casa.

— Vamos ficar na casa da vovó por um tempo. — Salma falou com voz trêmula, pilotando o veículo voador pela aeroestrada-tubo que cortava o planeta gelado. O trajeto até Albion atravessava as Dunas de Gelo — uma vastidão de neve e dunas congeladas que se estendia por milhares de quilômetros, traiçoeira e mortal para quem ousasse cruzá-la a céu aberto — e geralmente levava cerca de quatro horas.

As aeroestradas ficavam dentro de enormes tubos de conexão entre cidades, protegendo os viajantes das tempestades que açoitam Capela. Enquanto atravessavam o extenso túnel, o improvável aconteceu: do lado de fora, uma tempestade de gelo irrompeu com força incomum. As dunas rugiram; a visibilidade evaporou. Uma rachadura no sistema de proteção, atingida por uma avalanche, comprometeu o túnel.

— Atenção a todos os motoristas: túnel comprometido por avalanche. Parem imediatamente seus veículos e aguardem autorização para seguir. — O aviso holográfico deu a ordem, e as pessoas obedeceram: os veículos se alinharam em plataformas laterais do túnel.

Salma deteve o veículo e, para manter os meninos tranquilos, começou a entoar canções da escola que eles conheciam bem. Então veio um estrondo ensurdecedor: toneladas de rocha e neve invadiram a aeroestrada, soterrando com violência tudo o que encontrou pela frente. Sirenes e luzes vermelhas explodiram pelo interior do tubo; equipes de resgate foram convocadas de imediato. Os detritos arrastaram veículos por quilômetros. O barulho diminuiu até se tornar uma quietude pesada, cortante como lâminas, e as equipes, ao avançarem, encontraram o primeiro veículo destruído — sem sobreviventes: uma mulher e duas crianças.

Enquanto isso, em casa, o aparelho de holomensagem apitava no térreo. Trots despertou depois de mais de doze horas de sono pesado; cambaleou até a plataforma de notícias, pensando no banho, em algo para comer e no retorno ao laboratório. A transmissão mostrava uma manchete em letras vermelhas — “*Desmoronamento na aeroestrada de Albion..*” — mas ele não chegou a ler o resto, interrompido pelo toque insistente da chamada. Irritado, atendeu. No visor, um oficial de salvamento apareceu em quadro, a expressão rígida.

— Dr. Docet... lamento informar, mas houve um acidente na aeroestrada de Albion. Sua família foi atingida por uma avalanche. Não houve sobreviventes. Sinto muito. — A voz falava como um roteiro repetido, enquanto a imagem tremia.

Trots ficou paralisado, os olhos marejando, a visão queimando. Correu pelos cômodos como um náufrago procurando por sinais impossíveis; entrou no quarto e viu apenas armários vazios onde as roupas antes estariam. Caiu de joelhos num som seco que parecia selar seu mundo.

— Maldita seja! Maldita luz sagrada! Eu... eu te odeio! — gritou, cuspidando palavras ao vazio, enquanto lágrimas e baba escorriam por seu rosto. Jogou-se no carpete branco, rendido. No andar de baixo, a mensagem fora repetida: "*Não houve sobreviventes. Sinto muito.*". A frase girava como um turbilhão na tempestade.

Foram três dias até a liberação dos corpos. O enterro ocorreu em Deneva, mas Trots não compareceu.

Permanecera trancado no laboratório da Universidade, sem dormir, sem comer, quase imóvel diante das bancadas e dos monitores. Tentou trabalhar, não se concentrava. Caiu de cansaço no balcão e adormeceu sobre o tampo de aço, acordando apenas para repetir gestos mecânicos.

Então foi desperto ao ouvir um sussurro na escuridão de sua sala — uma voz etérea e tranquila.

— Trots. Acorde! Acorde!

O som não pertencia a ninguém que ele esperasse. O coração acelerou, o ar parecia pesado demais nos pulmões. Ele ergueu a cabeça, a pele arrepiada por um frio que parecia emanar do nada, como se o próprio silêncio vibrasse. A sala estava vazia... exceto por um pequeno orbe luminoso flutuando no canto, cuja claridade suave dominava o espaço que a lâmpada teimosa nunca iluminava. Trots permaneceu imóvel, dividido entre a curiosidade que o atraía e o medo que lhe prendia os músculos.

— O que é você? — perguntou, como se esperasse que estivesse sonhando. — O que faz aqui?

O pequeno orbe luminoso flutuando no canto da sala evocou imediatamente a lembrança de Egrom, no alto do Templo da Iluminação. Ele se recordou do orbe no templo, uma estrela que se acendia quando a luz do sol atravessava a claraboia da caverna onde a cidade de Deneva se erguia, espalhando raios sobre os vitrais e iluminando cada canto da capela em meio às densas nuvens de neve.

Naquele instante, Trots sentiu o impacto da visão como um julgamento silencioso. Ele havia renegado a luz de Egrom na última conversa com Salma, e agora a lembrança do templo e do orbe parecia atravessar sua mente, acusando-o, expondo suas falhas como se cada raio de luz refletisse sua culpa.

A luz falou diretamente, sem mover lábios. — Sou Egrom, Trots. O que faz aqui? Sua família morreu e você não prestou homenagens. Não se despediu. Há muito você esqueceu seus deveres.

— Egrom não existe! Não tem o direito de entrar aqui. — Ele bateu a mão no orbe na tentativa de dissipá-lo; a mão atravessou a luz, e ela mudou de posição sem tocá-lo. Trots retrocedeu, procurando a porta.

— Não. Você não sairá daqui até me dizer o que faz e por que abandonou sua família. — A luz se posicionou na frente da porta e lançou um clarão que o derrubou.

No chão, olhos arregalados, o cientista não acreditava no que acontecia. — Estou sonhando? — deu um tapa no rosto, sentindo a dor real da própria mão.

— Não, **aquele que renegou a luz**, você está acordado. E ficará assim até me dizer o que veio fazer aqui. — A voz, firme, o mantinha cativo.

Ele falou, desordenado, quase atropelando as palavras:

— Sou um cientista. Um geneticista. Procuro uma maneira de prolongar a vida do meu povo. Estou perto. Vamos viver como os Juliets, mas em corpos de carne e osso, não como espectros suspensos no vazio.

Nos domínios da luz de Egrom, a pressa na voz de Trots vibrava com clareza, revelando a audácia de seu intento: os Juliets, recém-integrados à UPC, haviam abandonado completamente a carne, venerando Karata, a personificação de sua estrela-mãe Segin, como caminho para a evolução. E agora Trots queria alcançar o mesmo — mas mantendo sua humanidade. Um desejo audacioso, quase sacrílego, à mercê do julgamento de Egrom, que conhecia a história e os segredos desse povo como se fossem próprios.

— Por que acha que seu povo merece a eternidade? Vocês não são perfeitos, você é prova disso. Deixou sua família morrer. — Egrom cortou-o com severidade.

— Eu não os deixei morrer! — trovejou Trots, apontando o dedo para a luz. — Você os matou! Você é Egrom, não é?

— Eu não os matei. Você os vinha deixando morrer a cada ausência. Eu os libertei da dor de ter um pai e marido ausente. Agora eles estão em paz, enquanto você permanece em seu inferno particular, buscando uma imortalidade que não merece. — A voz foi dura, metálica, tão fria quanto as tempestades da superfície.

Quebrado, beijou o chão com um choro estrangulado. — Você os levou. Estou sozinho. Ainda tenho tanto trabalho... sem eles não consigo.

— Esqueceu-os quando mais precisavam de você. Falhou em estar ao lado deles. — A luz não cedia. — Agora você só tem a mim. Quer mesmo a imortalidade para seu povo? Quer que todos possam evoluir?

Um fio de esperança miserável tremulou em Trots. Não importava a família; a Luz prometia poder, redenção e glória, e isso dominou sua mente em um instante.

— Sim... — sussurrou. Não pelo amor que sentia à família — o grito anterior deixara isso claro —, mas por si mesmo: pela redenção que buscava, pela glória que ambicionava, por não permanecer diminuto diante de sua própria culpa.

— Vou ficar ao seu lado até você conseguir seu objetivo. Guiarei você. Sou Egrom, a luz tênue da vida. — O orbe ganhou força, a presença tornou-se quase palpável. — Acredita em mim agora, cientista?

Ele afirmou, com a voz arranhada: — Sim. Farei o que pedir. Salvar-me-ei.

— Sim, filho ingrato da luz. Por você, por seu ego, por sua glória. Será o instrumento da transformação; não há avanço sem dor, nem renascimento sem ruptura. — A promessa soou paternal, envolvente, e Trots cedeu. Cada palavra da voz de Egrom parecia acender uma luz interna, oferecendo um caminho para sair do buraco em que se encontrava, uma solução que prometia poder, redenção e, ao mesmo tempo, um preço que ele ainda não compreendia.

Voltou ao trabalho, obcecado como antes, mas agora guiado por algo que lhe prometera companhia — não por amor aos que perdera, mas pela busca que agora tinha um prêmio e uma justificativa maior: a imortalidade para seu povo. E assim Trots continuou entregando-se ao projeto, enquanto a casa, o enterro, a ausência e o relento de seus atos formavam uma cicatriz que bem pouco parecia tocá-lo, diante do novo objetivo, guiado por uma voz que julgava com severidade e, ao mesmo tempo, seduzia com a promessa de poder.

Enquanto isso, a milhares de quilômetros dali outro tipo de luz e de expectativa preenchia o céu de Vandar. Música, festa e fogos explodiam sobre a capital de Antares, iluminando as torres reluzentes e o céu noturno com cores vivas. A UPC celebrava seu décimo aniversário. Na base orbital, o Presidente Varlen discursava diante de políticos, embaixadores e dos povos que formavam a União, com a voz transmitida para auditórios, praças e lares.

— Por uma união galáctica em busca de paz e desenvolvimento — concluiu, encerrando seu discurso com tom épico. Aplausos efusivos retumbaram nos salões e na grande sala de conferências da estação espacial.

— E é com grande prazer que anuncio a *UPC Liberdade* e a *UPC Antares*: duas naves de exploração que partem hoje em uma missão de três anos, em busca de novas civilizações que, no futuro, poderão ser aliadas da União. Novos mundos, novas culturas, mostrando que a galáxia pode se unir em um único projeto de paz e prosperidade! — finalizou.

Varlen então passou a palavra ao Almirante da Frota, Ydrael. No imenso telão, as imagens dos dois capitães surgiram, imponentes em suas pontes de comando, transmitidas diretamente das naves.

— Capitão Vortavox, Capitão Gar, autorizados a zarpar.

Ambos os capitães tomaram seus lugares nas cadeiras de comando.

— Navegador, marcar curso para o setor M13 — ordenou o Capitão Gar.

— Navegador, marcar curso para o setor N12 — ordenou Vortavox, para outro setor.

— Curso marcado, capitão — responderam, em uníssono, os dois navegadores.

— Acionar!

As duas naves saltaram para a dobra espacial, desaparecendo na imensidão pontilhada de estrelas, cada uma rumo a uma nova aventura e a novas descobertas. Enquanto a UPC prosseguia em sua festa, uma nova fronteira do cosmos começava a ser desbravada.

A ponte de comando da *UPC Antares* operava em plena capacidade. O Primeiro Oficial, Thor Starscream, permanecia atento aos painéis de controle. No leme, o Tenente Draulos Dhothos — jovem audacioso de 22 anos — mantinha a postura firme e decidida de um prodígio da academia militar, um talento precoce lapidado pelo rigor do treinamento. Nascido em Capela, sua pele branca e cabelos prateados refletiam a herança de seu povo, conferindo-lhe um ar quase etéreo, como se carregasse algo destinado a ir além dos limites comuns dos mortais. Seus 1,83 metros de altura e o olhar alerta revelavam ambição e disciplina.

Ao seu lado, a navegadora Tenente Isla Sander, também capelina, exibia longos cabelos prateados e pele branca quase translúcida. O cabelo preso realçava seus traços delicados e olhos castanhos intensos. Mais baixa que Dhothos, era igualmente notável: vinda da academia com excelência em cálculos e astrofísica, havia se destacado como uma das melhores de sua turma.

Na baía do Oficial Chefe de Segurança, outro capelino: o Tenente-Comandante Chanray Rii, especialista em combates espaciais e torpedos. Veterano das batalhas do Cruzeiro e de Cassiopeia, Rii havia conquistado recentemente a patente atual. Amigo do Capitão Gar desde a academia, era um homem imponente, musculoso, com quase dois metros de altura, cabelos até os ombros e olhos verdes vibrantes, cuja intensidade parecia atravessar o aço das paredes da nave.

— Todas as estações, reportem — solicitou Gar pelo comunicador, a voz tranquila. A jornada em dobra espacial seria longa, mas ele mantinha o hábito de supervisionar pessoalmente o estado da tripulação.

— Aqui é o Comandante Tyran Alheus, Oficial-Chefe Médico. Tudo tranquilo na enfermaria, capitão — respondeu Tyran, veterano de longas campanhas ao lado de Gar, ambos tendo servido na *UPC Ragnarok* e enfrentado desafios dos quais poucos sobreviveram para contar.

— Tenente Enoc Mordock, Oficial-Chefe de Engenharia. Motor de dobra constante e estável, rugindo como um carro novo na estrada, capitão! — A voz carregava entusiasmo genuíno.

O Tenente Enoc Mordock era a alma pulsante da engenharia da *Antares*. Canusiano de porte firme, ombros largos e 1,77m de pura energia incansável, possuía uma pelagem caramelo-escura reluzente, mantida pelo trabalho incessante nos corredores metálicos da nave. Seu sorriso fácil era tão marcante quanto a risada grave que ecoava entre os motores. Inteligente e espirituoso, tinha o raro talento de resolver problemas complexos enquanto fazia piadas capazes de arrancar gargalhadas até dos mais sisudos.

O uniforme azul-marinho impecável, os óculos grossos e os equipamentos de proteção na cabeça formavam parte inseparável de sua imagem — a de um engenheiro que vivia na fronteira entre a ciência e a improvisação genial. Sob seu comando, a engenharia nunca era silenciosa: estava sempre em ebulição, seja pelo ronco dos reatores, seja pelas histórias que contava.

— Comandante Ezequiel, Oficial-Chefe de Ciências. Astrometria a postos — informou, por fim, a voz grave.

Ezequiel, goodlesiano de 1,82 m, impunha respeito mesmo em silêncio. Suas asas largas, de um marrom profundo que lembrava madeira polida à luz fraca, a postura ereta e os cabelos e barba longos e brancos lhe conferiam uma presença quase mítica. O rosto, de traços sérios como pedra talhada, raramente se abria a expressões calorosas. Era sisudo, reservado, de eficiência impecável, e embora evitasse vínculos, sabia reconhecer coragem e mérito nos outros. Pairava sobre ele uma aura de presságio contido — como se acreditasse que laços afetivos pudessem atrair um destino funesto aos que se aproximassem demais.

A *UPC Antares* contava com 120 tripulantes, todos prontos para a missão.

Do turbo elevador, surgiu uma figura que fez a rotina da ponte desacelerar: a Embaixadora Epliblui, paracelsiana, determinada a participar da missão que coroaria sua reputação mesmo antes de Paracelsus integrar a UPC. Sua aparência extravagante e colorida chamava a atenção de imediato. O corpo era uma sinfonia entre o majestoso e o exótico, com largas asas semelhantes às de uma mariposa real, pintadas em padrões hipnotizantes de âmbar e bronze, marcadas por anéis que lembravam olhos vigilantes. Na cabeça, finas escamas elevadas como chamas imóveis formavam sua antena peculiar, e tinha olhos azuis intensos como safiras sob luz direta. A pele, metálica no busto, contrastava com um manto de plumas flamejantes no pescoço. Vestia um xale em tons terrosos, evocando as cores da floresta ao entardecer. Braceletes e cinto adornados de azul realçavam sua nobreza. Entre as garras delicadas, carregava um leque aberto, símbolo de diplomacia e astúcia, como se estivesse prestes a entrar em uma corte para selar acordos entre mundos. A luz dos consoles realçava cada detalhe de seus adornos, intensificando a aura de mistério e poder que a acompanhava.

Todos na ponte se voltaram para a magnífica figura.

— Embaixadora, que prazer recebê-la na *Antares* — saudou Gar, erguendo-se e beijando-lhe a mão com galanteria.

— Capitão Gar, sempre tão cortês — disse ela com um sorriso breve. — Estou tão ansiosa para encontrar uma nova civilização. Acha que vai demorar muito?

— Não, embaixadora. O Comandante Ezequiel já tem alguns sistemas próximos em vista — respondeu Gar, contendo o próprio entusiasmo.

— Então tenho que me preparar!

— Ainda temos tempo. É uma visita de exploração inicial; não sabemos se há civilizações nesses sistemas. Por ora, que tal conhecer a nave? Acompanhá-la será um prazer.

— Ah, conhecer tudo ao seu lado? Será encantador — respondeu ela, aceitando o convite.

Gar conduziu a embaixadora até o turbo elevador e, já no interior, selecionou o deck da astrometria — onde o Comandante Ezequiel poderia apresentar-lhe as estrelas. Enquanto a *Antares* continuava sua missão pelo espaço, a vida em Capela seguia seu curso.

Um ano se passara, e os funcionários da Universidade não conseguiam deixar de murmurar cada vez que cruzavam a porta do laboratório de genética.

— Dizem que o professor Docet enlouqueceu lá dentro. Passa dias a fio sem comer e sem dormir.

— Fiquei sabendo que ele está dando forma a uma nova espécie — disse outro.

— Não seja absurdo! Ele só está fazendo seu trabalho, mas desde que a família morreu na tragédia da aeroestrada, ficou pior — completou outro, com um tom de pena.

Todos gostavam de imaginar o que o professor fazia ali dentro, embora sua aparência abatida e os acontecimentos daquele ano anterior gerassem compaixão.

— Escuta só o que estou dizendo: ele vai acabar morrendo lá dentro. Deve ter enlouquecido, porque conversa sozinho dia e noite, como se tivesse alguém ali — acrescentou outro, chamando a atenção.

Todos concordaram, tristes com a constatação, e seguiram seus caminhos.

Dentro do laboratório, Trots Docet falava com voz cansada:

— Não estamos evoluindo com isso. Preciso voltar para casa; já faz um mês que estou preso neste laboratório. Salma deve estar preocupada — disse, perdido na percepção do tempo e dos acontecimentos.

— Não. Você não vai sair agora. Estamos tão perto de conseguir — a luz constante e esbranquiçada do orbe pairava sobre o maquinário, firme e imponente.

— Mas hoje é um dia importante, não é? — Trots tentava se lembrar, sentindo que algo marcante havia ocorrido, embora a memória fosse vaga.

— Seria, se você se importasse. Mas você se importa mais com sua pesquisa, não é mesmo, cientista? Ela é sua guia, aquela que vai redimir sua alma e o povo de Capela. Não é esse o seu verdadeiro intuito? — a voz modulou, mais severa, como um pai repreendendo um filho.

— Sim. É isso mesmo. Não posso parar. O que seria de mim e do meu povo? Seja o que for, pode esperar mais um pouco. Quando eu terminar, Salma e os meninos terão tempo — ele respirou fundo — e vão me amar ainda mais, por vivermos para sempre juntos. — Sua mente estava transtornada, imersa na cobrança constante da luz de Egrom, que martelava sua consciência.

— Vamos refazer mais uma vez. Hoje seu dia será coroado com louvor. O povo de Capela vai receber a luz de Egrom em toda a sua grandeza, ganhando a imortalidade que você criou ao meu lado — a luz tremulou rapidamente em tons de púrpura, voltando a ser branca.

Trots não percebeu essa pequena modificação. Com o rosto colado no microscópio, analisava espécimes de fungos capazes de sobreviver por séculos em cavernas geladas do planeta. Uma modificação genética poderia ser a chave para que os capelinos alcançassem um novo patamar evolutivo.

— Agora falta pouco. Você pode colocar o espécime modificado na estufa de hipercrescimento. Os esporos se espalharão no ambiente controlado e, então, você terá toda a matéria-prima para seu experimento final — a esfera de luz pairava sobre a imensa máquina, que mais parecia um forno. Ali dentro, era possível cultivar vários tipos de organismos: bactérias, vírus, fungos — criando um ambiente propício ao desenvolvimento.

Num lampejo de consciência que ia e vinha, Trots hesitou em se aproximar do aparelho.

— Mas por que você, luz de penitência, não nos toca e abençoa? Por que eu, um simples mortal, tenho que fazer isso? — questionou, a dúvida traçando linhas no seu rosto cansado.

— Porque você é meu instrumento. Você estava fadado à escuridão eterna, ao manto que cobre tudo o que é vivo na galáxia, mas eu o escolhi para se redimir de seus erros. Você deixou sua família morrer, seus filhos ficaram sem pai, e esqueceu o amor que uniu você e sua esposa Salma. Eu sou a luz da lembrança! A dor da perda! Estou aqui para fazê-lo pagar, mas também para redimi-lo! Escute minha voz e siga o que lhe falo, ou estará fadado ao esquecimento — a voz ficou mais feminina e cortante, severa e implacável.

Trots se encolheu, o poder daquela voz o dominava. Era terrível reviver o que tentava esquecer: a dor, as imagens da neve e das rochas sepultando sua família, o gelo translúcido que os prendeu para a eternidade.

— Por favor, Egrom, por favor — caiu de joelhos, chorando descontroladamente. — Tire essas imagens da minha mente. Quero esquecer, quero me redimir. Eu fui o culpado! Admito. Faço o que o senhor mandar.

— Levante-se, criatura fraca. Se não encontrar forças para continuar, seu povo vai perecer, como sua família — a luz diante do rosto de Trots girava como um pequeno redemoinho mágico. — Continue sua pesquisa. Hoje, ao fim do dia, tudo vai se modificar, se você tiver fé!

— Sim — disse, enxugando as lágrimas com a manga do jaleco, já amarelado pelo uso constante. — Sim. Vou terminar. Meu povo merece, eu mereço a glória da imortalidade!

— Não! Você não merece, mas pode dá-la a outros. Você está condenado, mas estou do seu lado até a hora em que tiver que partir. Seu povo precisa de você.

— Condenado... Estou condenado por matar minha família. Serei seu instrumento. Posso morrer, mas estátuas serão levantadas em meu nome! Verei minha família? — sua mente oscilava entre sonhos megalomaniacos, senso de dever e culpa. Levantou-se do chão enquanto a luz o seguia, emanando poder de controle, ordem e punição. Pegou a placa de cultivo e a colocou na máquina, reticente se estaria mesmo fazendo o melhor. Uma pausa carregada de dúvida, e a luz emanou forte sobre sua cabeça.

— É sua última chance de redenção! — a voz ecoou em sua mente como o badalo de um sino.

Fechou a porta da máquina e acionou o dispositivo de iniciação. Suspirou fundo e voltou para a bancada.

— Durma, Trots. Durma. Seu mundo vai se modificar graças a você. Sonhe com sua família, pois será a última vez que o fará — o orbe tocou levemente a cabeça do cientista, que adormeceu tranquilamente sobre o balcão, e em seus sonhos estava novamente feliz.

O timer do aparelho estava desligado. Inconscientemente, Trots esquecera-se de ligá-lo; assim, a máquina não pararia e continuaria seu processamento macabro, em um tique-taque compassado marcando o momento derradeiro.

Enquanto um ano se passava em Capela, a *UPC Antares* explorava o setor M12, conhecendo novos mundos. Durante esse período, a nave encontrou planetas interessantes como Ypolis, um mundo habitável com criaturas primitivas parecidas com esponjas em seus imensos mares, e Cissor, um planeta paradisíaco repleto de seres sencientes e uma cultura rica, que a tripulação estudou por dois meses sem se revelar.

Os Cissorianos — seres robustos, de pele espessa e textura nodosa, lembrando uma fusão entre argila viva e raízes expostas. Sua coloração variava entre tons marrom-terrosos e rosáceos, como se carregassem na própria carne a lembrança do entardecer em seu mundo natal. Pequenos brotos e filamentos verdes despontavam de seus corpos, principalmente nos mais jovens, sinal de vitalidade e conexão com o planeta. Seus olhos, pequenos e profundos, refletiam a luz como poços úmidos, e seu sangue, branco e viscoso, carregava o aroma inconfundível de terra molhada. Vestiam-se com fibras vegetais trançadas, minerais tecidos e fragmentos de couro cultivado, muitas vezes adornados com símbolos de ressonância — inscrições onduladas que vibravam sob certas frequências. Suas ferramentas e armas, como a tradicional pá cerimonial, eram mais do que instrumentos: cada uma moldada com metal extraído de forma ritualística e madeira viva que nunca fora morta para sua confecção. Eles não construíam cidades como as espécies mais tecnologicamente evoluídas; suas aldeias cresciam organicamente, entrelaçadas com raízes, pedras e plantas. Cada lar era vivo, nutrindo e sendo nutrido por seus habitantes. Suas comunidades funcionavam como jardins coletivos, e a posição social de um indivíduo era medida não por riquezas, mas pela harmonia que mantinha com o solo e o ciclo natural. A vida se organizava em torno de dois marcos: a Brotança, que marcava o nascimento, e a Descamação, que celebrava a regeneração após a morte. A espiritualidade permeava cada gesto — plantar uma semente, colher água da chuva ou cantar para as pedras era um ato sagrado.

O vento das montanhas cissorianas soprava firme, agitando as folhas azuladas das árvores que se agarravam às encostas. O Comandante Thor Starscream ajustou a mira do padscanner, medindo a altura das cristas rochosas ao redor do vale.

— Setecentos e cinquenta e dois metros na maior — informou, sem tirar os olhos do visor.
— Seriam ótimos pontos de vigia, se precisássemos.

O Capitão Gar, ao lado dele, ergueu o binóculo óptico e sorriu. — Sempre meticoloso. Você mede até o vento, Thor?

Starscream deixou escapar uma risada breve. — Se desse para armazenar vento nos relatórios, eu mediria.

O capitão baixou o binóculo, encarando o horizonte. — Sabe, quando escolhi você para esta missão, muita gente disse que eu estava arriscando. “*Thor é bom no papel, mas é melhor ainda no campo*” — respondi a eles. Hoje, vejo que não me enganei.

Starscream desviou o olhar do visor, surpreso. — Não sabia disso.

— Não costumo falar muito sobre política interna — admitiu Gar. — Mas você me lembra como é comandar com confiança... não só no espaço, mas nas pessoas. Vai ser um ótimo capitão no futuro.

Um momento de silêncio se seguiu, apenas o som distante da água caindo de uma das cachoeiras no vale. Starscream, sem saber muito o que responder, apenas sorriu e retomou a varredura do terreno.

— Capitão... — disse por fim, a voz carregando mais gratidão que formalidade — ...se algum dia eu chegar ao seu nível, já vou me considerar um homem de sorte.

Gar deu um leve tapinha no ombro do comandante. — Não se preocupe, Thor. Você já está a caminho.

A brisa fria continuou a soprar, mas ali, naquela encosta, o ar parecia um pouco mais leve para ambos.

Tudo foi cuidadosamente documentado pelo Comandante Ezequiel, fascinado por aquelas formas de vida tão únicas. O sucesso dos primeiros meses da expedição empolgou todos os tripulantes, com a descoberta de planetas promissores para novas colônias e mundos com formas de vida primitiva, que, em seu devido tempo, encontrariam o caminho para as estrelas — mas que, por enquanto, deveriam ser deixados em paz.

O laboratório da *UPC Antares* estava silencioso, exceto pelo som suave dos analisadores processando amostras do solo cissoriano. Ezequiel digitava observações no console, postura rígida, sem desviar os olhos da tela.

— Sabe, Comandante — disse o Tenente Enoc Mordock, encostando-se preguiçosamente à bancada com um sorriso no focinho — se você continuar franzindo a testa assim, vai criar um vinco permanente.

— Estou concentrado — respondeu o Comandante Ezequiel, sem levantar a cabeça. — Os dados não se interpretam sozinhos.

— Claro que não — concordou Mordock, pegando um dos padscanners e o examinando como se fosse um brinquedo. — Mas você não acha que os dados ficam mais... digamos... “saborosos” quando a gente conversa enquanto trabalha?

Ezequiel soltou um suspiro. — Conversa distrai.

— Ah, meu amigo, você precisa aproveitar mais o tempo. — Mordock girou o padscanner nos dedos com destreza. — Eu, por exemplo, tenho mais tempo do que qualquer um a

bordo. Bom, talvez menos que você. Sabe o que aprendi nesses quatro mil anos de vida? Que cada minuto que a gente passa sem conhecer alguém é um minuto desperdiçado.

Ezequiel parou por um instante, a ponta dos dedos suspensa sobre o teclado. — Nem todos têm séculos para se apegar e perder depois.

Mordock arqueou as orelhas, percebendo o peso nas palavras. — Então é isso. Você acha que, se não criar laços, o fim vai doer menos.

— É uma precaução lógica — disse Ezequiel, retomando a digitação.

— Ou é como tentar não sentir o cheiro do mar só porque um dia a maré baixa. — Mordock apoiou o padscanner na mesa e deu dois tapinhas leves no ombro do comandante. — Eu vou continuar puxando conversa com você, Ezequiel. Mesmo que leve cem anos, eu vou te arrancar uma boa risada.

Ezequiel não respondeu, mas os cantos de sua boca quase — *quase* — se moveram para cima.

No refeitório da UPC Antares, a rotina seguia mais movimentada do que o normal. Luzes suaves e o aroma de chá de virelia criavam um clima acolhedor, enquanto o som abafado dos motores de dobra vibrava sob os pés da estação.

Chandray Rii, uniforme impecável e postura ereta, encostava-se no balcão, cortando uma fruta alienígena recém-trazida de Cissor. Ao lado dele, Draulos Dhothos apoiava-se casualmente na bancada, um copo de suco azul-turquesa na mão.

— Vai participar da corrida amanhã, navegador? — perguntou Rii, erguendo um canto da boca num quase sorriso.

Dhothos bebeu um gole, fingindo pesar a resposta. — Depende... quem vai estar no meu time?

— Se você correr contra mim, não chega ao final — retrucou Rii, sem tirar os olhos da fruta.

Do outro lado da sala, o Comandante Tyran Alheus, sentado com uma xícara fumegante, observava a troca com um leve sorriso.

— Vocês dois parecem cadetes — comentou, erguendo a xícara num brinde silencioso. — Quando eu era rei, também tinha que mediar disputas..., mas os envolvidos raramente tentavam se derrubar por esporte.

— Chame de treino — disse Rii, lançando um olhar rápido para Dhothos. — Equipe de segurança precisa se manter afiada.

— E a de navegação também — completou Dhothos, respondendo ao olhar com um brilho desafiador.

Tyran riu baixo. — Depois de um ano juntos, ninguém mais acredita que isso é só treino.

Houve um silêncio breve, seguido por um leve sorriso nos dois rostos. Tyran se levantou, deixando a xícara na pia.

— Vou dar uma passada na enfermaria. Continuem... afiando as habilidades. — E saiu, o sorriso ainda estampado, como quem sabia mais do que dizia.

Rii soltou um suspiro discreto, e Dhothos apenas ergueu o copo, como se brindasse ao que quer que fosse aquela corrida de despedida em Cissor — um momento só deles, longe dos olhos curiosos dos nativos, mas cheio de amizade e companheirismo que aquele ano de exploração havia construído.

O caminho da *Antares* prosseguiu sem mais descobertas; contudo, o espaço profundo também é cheio de mistérios e eventos naturais ainda incompreensíveis. O comandante Ezequiel estava em seu último turno quando os sensores de longo alcance anunciaram algo poderoso se aproximando. A *UPC Antares* viajava na dobra 7, desbravando uma região particularmente “vazia” do cosmos — um lugar onde estrelas e planetas estavam tão distantes que quase não eram encontrados. Essa aparente calma, porém, estava prestes a se dissipar.

— Mas o que é isso? — o sensor no painel piscava intensamente. Ezequiel abriu o console, analisando os dados que chegavam em um fluxo impressionante. Uma grande tempestade subespacial avançava em direção à nave, de modo alarmante. Rapidamente, o comandante acionou seu comunicador:

— Capitão, uma forte tempestade subespacial avança sobre nós. Recomendo desligar os motores de dobra sem demora.

Enquanto ainda comunicava, um baque violento sacudiu a nave, lançando Ezequiel ao chão, junto com vários outros tripulantes.

— Reporte! — O Capitão Gar ainda tentava ouvir o comandante quando todos foram abruptamente arremessados. As comunicações caíram, seguidas por uma série de pequenas explosões nos consoles de toda a nave, acompanhadas por um pico de energia.

— Fomos lançados para fora da bolha de dobra, Capitão. Estamos no meio de uma brusca tempestade subespacial que se formou de repente — explicou o Tenente Mordock pela comunicação de emergência. Ele pulava de um lado para o outro na engenharia, seguido por seus auxiliares, apagando pequenos focos de incêndio e equilibrando o plasma das naves atingidas.

Na ponte de comando, o navegador, Tenente Dhothos, fazia o possível para estabilizar a nave enquanto ela era sacudida de um lado para o outro pela tempestade.

— Acione os estabilizadores gravitacionais, Tenente Dhothos. Vamos tentar contrapor a força da tempestade — ordenou o capitão.

Dhothos apertou uma série de botões, repetindo a ordem do capitão para que ficasse registrada nos relatórios do computador:

— Estabilizadores gravitacionais ligados.

— Tenente Sander, nos leve para as coordenadas 14.78, marco 02 — Gar acompanhava o mapa estelar no console da sua cadeira de comando. Sem velocidade de dobra, precisavam alcançar um local seguro e avaliar os estragos causados pela tempestade. — Mantenha o leme firme, Tenente. Vamos sacudir um bocado até sair dessa.

— Comandante Ezequiel, qual o tamanho da tempestade? — o capitão demonstrava preocupação, talvez por estar próximo do centro do fenômeno.

— Estamos nas bordas, Capitão. Se mantivermos esse ritmo, em poucos minutos sairemos dela sem grandes danos.

— Engenharia, mantenham essa velocidade.

— Estamos fazendo o possível, Capitão, mas ainda há ajustes a fazer. O plasma das naceles está desequilibrado, por isso a nave não consegue manter a estabilidade — Mordock acionava diversos botões no painel digital enquanto falava com seus auxiliares.

— Tenente Rii, alguma sugestão? — o capitão buscava a participação de todos os oficiais para encontrar soluções concretas que evitassem a perda de controle da nave.

— Se lançarmos um pouco de plasma e usarmos os phasers para incendiá-lo, podemos gerar uma explosão controlada que nos impulsionaria para fora da borda da tempestade — relatou o tenente, depois de analisar as probabilidades e cálculos.

— Ezequiel, Mordock, isso é viável? — a nave continuava a chacoalhar, lançando quem não estivesse seguro ao chão.

— Podemos tentar, Capitão. Se eu lançar o plasma, consigo equilibrá-lo melhor em menor quantidade — respondeu Mordock.

— Os cálculos do Tenente Rii fazem sentido. Temos uma chance concreta de sair da tempestade — confirmou Ezequiel, revisando as equações.

— Ao meu comando, Mordock. Agora! — a urgência na voz do capitão fez com que todos aguardassem tensos.

— Lançando o plasma — as laterais das duas naceles liberaram um gás azulado de forma controlada. Mesmo com a nave sendo lançada de um lado para o outro, o procedimento, perigoso, foi executado com precisão pelo canusiano.

— Phasers prontos — o dedo do Tenente Rii estava firme para o disparo.

— Fogo!

A explosão brilhou como um sol recém-nascido. A onda de choque se propagou rapidamente, impulsionando a *Antares* para longe da tempestade. Dentro da nave, a tripulação era arremessada de um lado para o outro enquanto conduítes queimavam e uma fumaça densa subia por diferentes decks. O navegador e o piloto lutavam para estabilizar a nave até que ela finalmente se equilibrou.

— Relatório de danos — o capitão já avaliava, em seu próprio console, as informações que chegavam fragmentadas.

— Temos vários conduítes queimados, mas que podem ser substituídos em duas ou três horas. O problema maior é o plasma, que está em níveis muito baixos. Vamos precisar coletar de alguma estrela próxima. Também temos manutenções básicas a fazer e alguns consoles a trocar. No geral, dá para consertar tudo com supercola depois desse sacolejo — apesar da urgência, Mordock não perdia seu bom humor; afinal, ele sabia que conseguiria arrumar tudo tranquilamente.

— Algumas pequenas trocas na astrometria, mas nada grave — anunciou o comandante Ezequiel.

— Dr. Tyran, temos feridos? — o sacolejo poderia ter causado lesões em alguns desavisados.

— Poucos feridos, capitão. Lesões leves, nada para se preocupar — Tyran e sua equipe atendiam escoriações e luxações causadas pelas quedas; no geral, todos estavam bem.

— Bom, precisamos encontrar uma estrela para coletar plasma e continuar a viagem. Encontrou alguma coisa, Ezequiel?

— Capitão... confirmamos as leituras e existe uma estrela não muito distante chamada Heze. É uma estrela de classe A3, branca-azulada, estável e jovem, com cerca de oitocentos milhões de anos. Queima limpa e constante, sem as variações violentas que vimos em outras anãs azuis da orla. Nenhuma anomalia subespacial ou atividade magnética fora do padrão. — Ezequiel ajustou a projeção holográfica, revelando a estrela como uma esfera viva de luz, pulsando suavemente no vazio. — A coroa mantém um fluxo regular de plasma, com ejeções previsíveis e de baixa dispersão. A coleta deve ser segura, desde que mantenhamos a aproximação dentro dos corredores gravitacionais indicados pelos sensores. O campo de radiação é intenso, mas nada que nossos escudos não suportem.

Ezequiel respirou fundo antes de concluir:

— Em resumo, senhor... se há um lugar nesta região para extrair plasma sem arriscar toda a tripulação, é ali. Além disso, é uma ótima oportunidade de estudo, já que a estrela tem planetas em sua órbita.

— Tenente Dhothos, marque curso para as coordenadas especificadas pelo comandante. Velocidade de impulso.

— Coordenadas ajustadas para 89.75, marco 18, sistema Heze. Velocidade de impulso.

— Acionar.

A *Antares* sacudiu como se ainda não tivesse controle total, mas apresentou-se estável graças ao trabalho de Mordock e seguiu em direção à estrela, na esperança de reparar seus estragos antes do jantar.

Algumas horas depois, entravam no sistema Heze. O comandante Ezequiel fazia as primeiras análises da brilhante estrela. Os oficiais se reuniam na sala de reuniões adjacente à ponte de comando. Com uma mesa semi-oval, cadeiras cor creme e iluminação adequada, a sala estava repleta de referências à criação da UPC. Uma miniatura da *Zeta25*, emblemática nave antariana, adornava um aparador próximo à larga escotilha que dava para o espaço profundo. Na parede lateral, um quadro retratava uma cena da Batalha do Cruzeiro.

O Capitão Gar ocupava a cabeceira da mesa. À sua direita, o primeiro oficial Starscream analisava possibilidades táticas, oferecendo opções ao capitão. À esquerda, o oficial de ciências Ezequiel já tinha suas análises prontas. Completavam a mesa o oficial de

engenharia Mordock, o oficial médico Alheus, o oficial de segurança Rii e o tenente Dhothos.

— Vamos lá, senhores. O que temos em mãos? — Gar iniciou, enquanto Ezequiel abria o mapa do sistema recém-explorado.

— Capitão... chegamos à borda da coroa de Heze. Ela é tudo o que os mapas diziam — e um pouco mais traiçoeira. Uma anã branca-azulada de classe A3. A superfície ferve a quase 9.727 °C, cuspidos jatos de plasma como chicotes de luz, alguns com o tamanho de luas inteiras. — O sistema é... vasto. Treze planetas, todos em sincronia gravitacional. Três gasosos gigantes e oito terrestres. — Nosso alvo é o plasma coronal. A coleta vai ser delicada — teremos que mergulhar com os escudos a plena carga e alinhar a sonda para sugar o material durante as erupções. Se ficarmos tempo demais, o calor vai dilatar o casco até rachar. Se formos rápidos demais, sairemos de mãos vazias.

Ele fez uma pausa, olhando para a projeção da estrela, que pulsa como um coração de fogo no vazio.

— E tem mais, Capitão... os sensores captam formas artificiais de satélites baseados em prata no terceiro planeta. Não é natural. Algo construído está em órbita. Se for inteligente, já nos viu chegar.

— Certo. Mordock, como está a nave?

— Precisamos trocar vários componentes, e alguns consoles foram queimados. Se houver uma civilização por perto com esse tipo de tecnologia, pode nos ajudar muito. Mas se eu tiver que improvisar, vamos demorar pelo menos dois dias até podermos chegar perto da estrela e capturar plasma.

— Thor? O que acha? — Gar olhou para seu primeiro oficial, que mantinha atenção plena.

— Acho que devemos verificar primeiro o terceiro planeta que o comandante Ezequiel encontrou. Se for uma civilização, pode reagir hostilmente à nossa presença sem autorização.

A questão levantada pelo comandante Thor era pertinente, e todos concordaram com sua análise precisa.

— Como estamos de armas, Rii? — preocupado com a possibilidade de confronto, o capitão queria se certificar de que não seriam pegos de surpresa.

— Temos energia suficiente para manter os escudos em 50%. Não é o ideal para uma captura de plasma, mas diria que aguenta um ou dois impactos certos. Os phasers estão funcionando parcialmente, e a torpedeira está parada. Se qualquer um nos atacar, não resistiremos por muito tempo.

— Certo, vamos fazer uma visita à órbita do planeta e ver o que encontramos. — Dhothos ajustou as coordenadas.

Ele tocou no comunicador — Embaixadora Epliblui, poderia comparecer à ponte de comando?

— Sem dúvidas, capitão. Estou a caminho.

— Mordock, prepare tudo na engenharia. Assim que estivermos prontos, avise. — Mordock acenou com a cabeça. — Todos a seus postos. Ezequiel, fique na ponte com a gente. Monitore a órbita do planeta enquanto nos aproximamos.

De volta à ponte, o capitão sentou-se em sua cadeira enquanto os oficiais retomavam seus postos. A embaixadora, magnificamente vestida, já observava a poderosa estrela pelo visor principal.

— Embaixadora, talvez tenhamos um primeiro contato, como a senhora desejava. Tenente Sander, velocidade de impulso.

— Terceiro planeta, velocidade de impulso — repetiu a tenente.

— Acreditamos que há algum tipo de civilização avançada no sistema, embaixadora. Pode ser nosso primeiro contato com uma cultura espacial.

— Estou ansiosa para conhecê-los! — Epliblui parecia genuinamente animada, suas antenas não paravam de se mover.

Alguns minutos depois, os sensores dispararam.

— Temos uma nave de assinatura desconhecida se aproximando, capitão — anunciou o Tenente Comandante Rii.

— Na tela — a imagem de uma bela nave prateada, seu casco metálico espelhando as estrelas ao redor com um brilho quase hipnótico. De linhas fluidas e aerodinâmicas, como se cada curva tivesse sido esculpida em prata pura. O corpo central se estreitava numa ponta afiada e ameaçadora, projetando-se como a lâmina de uma lança estelar pronta para rasgar as fronteiras do universo. Nas laterais, protuberâncias elegantes se erguiam como asas tecnológicas, cada uma emitindo um suave resplendor azul que sugeria poderosos propulsores ocultos sob a superfície. Pequenas janelas triangulares se alinhavam discretamente no casco.

— Armas, Rii?

— Sim, capitão, o armamento é antigo, algo parecido com mísseis nucleares balísticos. Não seriam problema se estivéssemos com 100% dos escudos, então aconselho cautela.

— Estranho... — Ezequiel observava seu painel — As formas de vida a bordo não se encaixam nas biológicas que conhecemos. Eles tem uma alta concentração de prata em seus organismos. E as análises indicam que a atmosfera da nave é baseada em cloreto de carbonila.

— Abrir saudações — pediu o capitão. — Aqui é o Capitão Lukin Gar II da *UPC Antares*. Somos uma nave de exploração e estamos passando por problemas técnicos. Lamentamos muito se invadimos seu território. Viemos em paz, à procura de auxílio.

Imediatamente, a comunicação foi estabelecida com a nave alienígena que observava ao longe. As duas naves não tinham grande diferença de tamanho, mas havia um abismo tecnológico entre elas.

— Aqui é o Príncipe Craswerdh Vendreserwqw de Tapra. Estamos voltando de uma viagem diplomática e nossos sensores detectaram sua nave, Capitão Gar — a imagem do príncipe surpreendeu a todos com sua beleza quando apareceu na tela da *Antares*.

Sua figura imponente, com pele de um prateado puro e reluzente, não era mero traço estético, mas a marca ancestral do sangue de seu povo. A pele refletia a luz do interior da nave como se fosse feita de metal líquido, cintilando a cada movimento, como se o tempo hesitasse diante de sua presença. O rosto, esculpido com precisão quase divina, ostentava traços firmes e serenos: um maxilar forte, olhos de um azul glacial que pareciam atravessar os véus da realidade, e lábios finos, sempre cerrados numa expressão de contemplação e comando. Seu traje formal era uma obra de arte: um doublet de tecido escuro e nobre, bordado com filigranas prateadas que serpenteavam como runas vivas, evocando a história de sua casa e os feitos dos seus antepassados. Um broche em forma de estrela de oito pontas repousava no colarinho, símbolo da aliança entre Tapra e os reinos do firmamento. Sobre o peito, uma faixa de brocado prateado cruzava o corpo com elegância, como um rio de luz fluindo entre montanhas de dignidade.

— Podemos ajudá-los, se precisarem. Se quiserem nos acompanhar até a órbita do nosso planeta, falarei com meu pai para que possamos prover o que for necessário.

— Agradecemos o convite, vossa alteza. Mostre-nos o caminho e nós o seguiremos.

A nave do príncipe fez um longo arco em direção ao brilhante planeta que surgia no horizonte.

— Embaixadora, o que achou? — Gar virou-se para a paracelsiana, que estava em pé não muito longe.

— Fantástico! São maravilhosos! Pude perceber que ele falava a verdade, por meio de um pequeno entrelaçamento mágico que fiz para detectar mentira e emoções. Ele está fascinado e curioso com a nossa presença.

A tela se abriu novamente com a presença do príncipe estrangeiro.

— Capitão Gar, falei com meu pai. Ficaremos honrados em recebê-los em nosso castelo. Irei pessoalmente recepcioná-los, porém não temos local adequado para o pouso de sua espaçonave.

— Não se preocupe com isso, vossa alteza. Ficaremos em órbita e teleportaremos um grupo de boas-vindas. Será uma honra e um privilégio conhecê-los — o capitão já planejava a abordagem.

— Teleportar... Imaginem só! Que tecnologia! Tudo bem, capitão, darei as coordenadas do nosso país. Estamos ansiosos por recebê-los.

A tela se desligou.

— Comandante Ezequiel, análises.

— Bom, capitão. Como imaginei, não é uma civilização avançada em viagens espaciais. A nave deles não tem nenhum tipo de núcleo de dobra e opera com tecnologia nuclear. As armas são menos potentes e desconhecem a tecnologia de teletransporte. Os scanners detectaram grandes fontes de energia no planeta: nuclear e térmica. Armas nucleares são

comuns, mas precisaremos de mais dados para um relatório completo. A atmosfera do planeta impede um escaneamento detalhado devido à sua natureza exótica.

— Vamos ver com o que nossos novos amigos podem nos ajudar. Thor, Ezequiel, Rii, venham comigo. Embaixadora também. Vamos até a enfermaria para um implante respiratório básico, já que a atmosfera é tóxica para nós. O comando é seu, tenente Dhothos.

O grupo percorreu rapidamente os corredores iluminados da *Antares*, o zumbido constante dos motores de impulso acompanhando cada passo. O aroma metálico e o brilho frio das luzes refletiam a disciplina e o cuidado da nave.

Quando chegaram à enfermaria, encontraram o Dr. Tyran e sua equipe de enfermagem calibrando biocamas e verificando possíveis danos detectados pela engenharia. O capitão entrou, acompanhado de sua comitiva, interrompendo a rotina habitual do médico, que ergueu os olhos e esboçou um breve sorriso de boas-vindas.

— Capitão — cumprimentou Tyran, fechando o terminal de dados.

— Doutor, vamos precisar de implantes respiratórios. Pretendemos visitar um planeta cuja atmosfera é tóxica para nós — explicou Lukin enquanto se dirigia para uma das biocamas.

Ezequiel permaneceu de pé enquanto os outros se acomodavam. Como goodlesiano, ele não precisaria de nenhuma adaptação, já que sua espécie não respirava.

— E qual o tipo de atmosfera, Comandante Ezequiel? — perguntou o médico.

— Cloreto de carbonila.

— Está brincando comigo, comandante! — Tyran ergueu as sobrancelhas, incrédulo. O cloreto de carbonila, também conhecido como fosgênio, é formado pela reação entre monóxido de carbono e cloro. Sua estrutura simples contrasta com os efeitos devastadores: ao entrar em contato com os tecidos úmidos do corpo humano, transforma-se em ácido clorídrico, corroendo silenciosamente os pulmões e provocando edema — uma inundação interna que sufoca sem aviso. Alguns membros da equipe riram discretamente diante da expressão impassível de Ezequiel, sem captar a gravidade na voz do médico.

— Pois bem — Tyran retomou o tom prático —, os implantes funcionarão por no máximo vinte e quatro horas e precisarão ser substituídos. Também vou aplicar uma injeção para inibir o envenenamento; esta dose também precisará ser repostada. Vou monitorá-los daqui. Esse gás é letal.

Tyran retirou de um compartimento compacto um conjunto de implantes respiratórios — pequenas cápsulas que se encaixavam atrás das orelhas e cobriam levemente a traqueia. Uma vez ativadas, filtrariam o fosgênio da atmosfera, liberando oxigênio suficiente para manter a respiração normal. Ele mesmo usava um, uma vez que os antarianos respiravam dióxido de titânio, o que garantia segurança e praticidade.

Enquanto falava, Tyran já preparava os pequenos aparelhos enquanto a enfermeira Evistel aplicava as vacinas.

— Pode calibrar o seu também doutor. Vai nos monitorar lá mesmo. Quero o senhor junto à comitiva. Se algo acontecer, quero assistência imediata — acrescentou o capitão.

O médico concordou com a cabeça, aplicou a injeção em si mesmo e suspirou.

— Evistel, você fica no comando aqui na enfermaria — disse Tyran, com um leve sorriso.

— Confio em você como se fosse minha própria filha. Mantenha tudo sob controle até voltarmos.

— Entendido, doutor — respondeu Evistel, firme, mas com um brilho orgulhoso nos olhos.

— Lá vamos nós para mais uma aventura empolgante... — murmurou, sem a menor empolgação, enquanto guardava instrumentos na maleta médica.

Tyran guardou a última ferramenta, conferiu os implantes de cada tripulante e deu um último aceno para Evistel. Em seguida, seguiram juntos para a sala de transporte, onde a equipe já aguardava.

— Coordenadas prontas, capitão — informou o oficial de transporte.

— Acionar.

Seis figuras se posicionaram no círculo iluminado e, num feixe cintilante, foram transportadas para a superfície do planeta que brilhava abaixo. À espera, o príncipe Craswerdh Vendreserwqw os aguardava com a empolgação de uma criança prestes a receber seu presente de aniversário.

— Sejam bem-vindos a Tapra, meus queridos convidados! — O cumprimento tradicional tapriano era um caloroso abraço, recebido com surpresa.

— O prazer é todo nosso, alteza — disse o capitão, retribuindo o gesto com entusiasmo.

A embaixadora também aderiu prontamente ao costume. O comandante Ezequiel, no entanto, permaneceu rígido como uma estátua — avesso a contatos físicos. Os demais se adaptaram sem dificuldade.

— Venham, meu pai os receberá — anunciou o príncipe, conduzindo-os pelos corredores do imenso palácio real. As paredes eram adornadas com flâmulas e pinturas vivas, que mudavam de cor de acordo com a luz e a posição do observador, revelando novas nuances a cada olhar. A arquitetura mesclava rocha, metal e madeira em tons metalizados. Lá fora, a atmosfera amarelo-esverdeada contrastava com as plantas e o solo de cores apagadas. Colunas espiraladas sustentavam o castelo — a espiral, símbolo importante para os taprianos, também figurava no brasão oficial: uma espiral no centro de uma estrela de oito pontas.

— Esta cidade é a mais antiga entre as centenas que formam nosso Reino, e é onde meu pai, o rei Staad Pympenmith, governa — disse Craswerdh, orgulhoso.

— Só o seu pai governa todo o planeta? — questionou Ezequiel, já desconfiado. Seus scanners haviam detectado várias cidades com arsenais nucleares.

— Não, não. Existem outras cidades-estado — vinte e sete grandes cidades, para ser exato — que chamamos de reinos. Alguns são aliados de meu pai, outros nem tanto.

— E por que tantas armas nucleares espalhadas? — Ezequiel disfarçou a pergunta em tom casual.

— Defesa e status. Cada cidade acredita que a simples posse de tais armas garante proteção, sem que seja preciso usá-las. Já estivemos em guerra no passado, mas, nas últimas duas gerações, vivemos em paz. Acredito que estamos evoluindo — disse o príncipe, com convicção.

— Alteza, de onde o senhor vinha quando nos encontrou? — perguntou a embaixadora, curiosa com as viagens espaciais, embora os taprianos não possuíssem tecnologia de dobra.

— Sou também embaixador do reino. Estava retornando de um sistema vizinho, da civilização Uroomidas, com quem mantemos contato. A viagem leva dois anos. Fechei acordos tecnológicos importantes — respondeu, abrindo as enormes portas do salão principal.

Ezequiel, atento, ergueu ligeiramente a sobancelha, intrigado com o nome. Uroomidas... um sistema próximo, tecnologicamente avançado. Seria interessante estudar os detalhes desses acordos mais tarde.

— Meu pai, nossos convidados.

No interior, uma longa mesa de metal leitoso dominava a sala de reuniões, refletindo a luz suave que entrava pelas janelas amplas e altas. As paredes eram adornadas com esculturas intrincadas e estatuetas de prata e metais raros, algumas tão delicadas que pareciam flutuar no ar, sustentadas por campos magnéticos imperceptíveis. Pinturas metálicas decoravam os painéis, seus pigmentos prateados e cinzentos ondulando lentamente conforme a posição do sol e o movimento dos polos magnéticos do planeta, criando imagens vivas que mudavam ao longo do dia. Cada detalhe exibia o apreço dos taprianos pela arte e pela harmonia entre técnica e beleza natural. Autoridades do reino se acomodavam ao redor da mesa, seus trajes refletindo a luminosidade metálica, enquanto a sala inteira parecia pulsar com a história e a riqueza de seu povo.

O rei, de barbas prateadas e trançadas até o peito, usava uma coroa reluzente e roupas ainda mais ricamente adornadas que as do filho. Seu rosto severo e seus olhos de vermelho profundo — quase sangrando — impunham respeito. Dois brincos dourados em cada orelha completavam o conjunto e destoavam em meio a cor prateada predominante, e sua pele, de um prateado metálico levemente desgastado, lembrava algo banhado em enxofre.

— Bem-vindos a Tapra Asnaad, viajantes do espaço! — saudou, abraçando-os calorosamente. Até Ezequiel, desta vez, retribuiu o gesto com mais naturalidade. Os ministros e conselheiros presentes fizeram o mesmo.

— Pai, apresento o capitão Lukin Gar II, da nave *UPC Antares*; a embaixadora paracelsiana Epliblui; o comandante Tyran Alheus de Antares, médico da nave; o comandante Ezequiel, dos goodlesianos, cientista; o comandante Thor Starscream, dos antarianos, primeiro oficial; e o tenente-comandante Rii, de Capela; chefe de segurança.

— Sejam todos bem-vindos. Sintam-se em casa. Meu filho disse que precisam de ajuda — e nós vamos providenciar o que for necessário. Tenho tantas perguntas... — o rei sentou-se, auxiliado por um serviçal.

— Estamos à disposição, alteza — disse a embaixadora, abrindo seu leque com um gesto elegante.

— Meu filho, leve os outros para tratarem das necessidades da nave. A embaixadora e o capitão ficam comigo. Assim adiantamos o trabalho — ordenou o rei, calculando os benefícios de agradar aqueles visitantes.

— Claro, meu pai. Venha, comandante Ezequiel — disse o príncipe, conduzindo-o. — Ezequiel, quero mostrar algo sobre os Uroomidas que pode lhe interessar. — disse o príncipe, conduzindo-o. O goodlesiano fez uma reverência um tanto desajeitada, arrancando discretos sorrisos do capitão e de Tyran.

— Também irei, capitão — disse Starscream. — Preciso levantar os dados com o engenheiro-chefe.

Rii o seguiu depois de avaliar a segurança do local apenas com seus olhos treinados.

— Certo. Nos vemos na nave mais tarde.

O príncipe levou Ezequiel a uma pequena sala lateral, afastada do burburinho do salão principal. As paredes eram adornadas com esculturas metálicas que brilhavam suavemente, mudando de tonalidade conforme a posição da luz artificial, e o chão refletia os detalhes intrincados do teto, impregnados de prata líquida.

— Olhe só isso! — exclamou o príncipe, quase pulando de empolgação. — Trouxeram alguns objetos dos Uroomidas para mostrar!

Ezequiel aproximou-se da mesa, examinando os pequenos artefatos. O Príncipe explicou que cada peça, originalmente de prata, havia sido transformada em ouro puro pelo simples toque dos nativos. Pequenas caixas, adornos e utensílios cotidianos reluziam com o brilho intenso do metal precioso.

— Transmutação — comentou, quase para si mesmo, enquanto tocava levemente uma caixa transformada. — A prata se reorganiza em ouro sem aquecimento nem pressão. Impressionante...

O príncipe sorriu, incapaz de conter o entusiasmo. — É incrível, não é? Eles são tão parecidos conosco! A diferença é que eles têm corpos dourados. Tudo lá é ouro, então para eles é natural. Mas veja como nossos objetos mudou de prata para ouro só com o toque deles!

Ezequiel continuou a observação, pegando um pequeno ornamento e girando-o entre os dedos. — A reação parece induzida pelo contato biológico, mas é incrivelmente estável. Não há deformações, nem perda de massa... isso indica um mecanismo de transmutação altamente controlado.

O príncipe, sentindo-se orgulhoso e quase infantil em sua excitação, apontava para cada detalhe: — E aqui! E aqui! Não é maravilhoso? Quero que veja tudo, Ezequiel, quero que compreenda a genialidade desses vizinhos!

Ezequiel apenas assentiu, com um leve sorriso, sentindo-se contagiado pelo entusiasmo genuíno do príncipe. — Realmente... algo que vale a pena estudar mais a fundo.

Enquanto eles permaneciam na pequena sala lateral, junto ao rei permaneciam apenas a embaixadora, o Dr. Tyran e o capitão, aguardando os próximos passos da audiência no salão principal.

— Minha pergunta mais simples: como conseguem se comunicar em nossa língua, como se fossem nativos? — indagou o monarca.

— Graças a um tradutor universal — respondeu o capitão, apontando para o pequeno ponto metálico na lapela do uniforme. — Ele traduz automaticamente para ambas as partes, como se estivéssemos falando a mesma língua.

— Que maravilha! — admirou-se o rei. — Nós levamos anos para compreender a língua de nossos vizinhos. Meu filho também falou sobre outra tecnologia: o teletransporte! E que sua nave é capaz de desbravar as estrelas... — a curiosidade do rei já ia além da ciência.

— Sim, temos algumas outras tecnologias — disse o capitão, notando a ganância cuidadosamente velada nas palavras do rei.

— Espetacular. E quanto a acordos comerciais? Imagino que seja uma das funções de sua nave — a isca estava lançada.

— Não, majestade. Somos uma nave de exploração e de contatos diplomáticos — apressou-se a embaixadora, percebendo que Gar começava a se incomodar com a direção da conversa.

— Por enquanto, estamos apenas conhecendo nossos vizinhos da galáxia — completou o Dr. Tyran, mais habilidoso no tom, lembrando que também era um monarca e sabia se mover entre interesses políticos.

— Temos muito a ponderar, não é mesmo, capitão? — O rei já percebera que Gar não tinha qualquer interesse em abrir negociações comerciais.

— Bom, alteza... preciso ajudar minha tripulação e organizar as manutenções necessárias. A embaixadora e o Dr. Tyran farão companhia ao senhor e esclarecerão o que for preciso.

— Gar levantou-se, tocando o ombro de Tyran como quem diz silenciosamente: *abra o olho*.

Staad Pympenmith era astuto e ambicioso. A conversa que se seguiu com a embaixadora e o Dr. Tyran foi recheada de segundas intenções, ainda nebulosas, mas suficientes para que a embaixadora suspeitasse de uma manobra política contra outras cidades-estado do planeta. O jovem Craswerdh, no entanto, era o oposto do pai: genuinamente disposto a ajudar. Algumas peças fornecidas por ele foram adaptadas à *Antares*, e sua atenção e rapidez em raciocinar impressionaram a todos — descobrindo de imediato como modificar um componente para o uso do tenente Mordock. Ao se despedirem para retornar à nave, a comitiva carregava uma excelente impressão do príncipe... e uma nem tão boa do rei.

— Parece que o príncipe conhece bem os detalhes técnicos de sua nave — comentou a embaixadora, observando-o trabalhar.

— E mais importante — acrescentou Tyran —, é uma mente aberta e disposta a aprender. Não podemos dizer o mesmo do rei.

O príncipe, percebendo o olhar de admiração deles, sorriu timidamente. — Se desejarem, posso acompanhá-los até a *Antares*. Gostaria de conhecer a nave e ver como trabalham. Ele não comentou sobre o pai; parecia mais interessado em mostrar sua própria iniciativa do que criticar a autoridade paterna.

Epliblui trocou um olhar rápido com Gar, que assentiu discretamente. — Será um prazer, alteza.

Craswerdh respirou fundo, afastando-se do salão principal enquanto os visitantes conversavam com engenheiros. Caminhou pelos corredores prateados do palácio, suas botas ecoando levemente sobre o piso metálico. A excitação da visita à nave misturava-se à preocupação com o que acabara de ouvir; não queria decepcionar os visitantes, mas também sabia que não cederia aos caprichos do pai. Deteve-se diante da porta da antessala, virando-se para o rei.

— Pai, posso acompanhar a comitiva da UPC até a nave? — perguntou, a firmeza em sua voz deixando claro que respeitava as regras, mas não transigia seus princípios.

O rei inclinou-se para frente, olhos brilhando com ganância. — Craswerdh, ouça bem: aproveite a oportunidade. Grave tudo, capture os detalhes, traga para mim qualquer tecnologia que puder. Isso nos dará vantagem sobre todas as cidades-estado! — sua voz era baixa, calculista, carregada de ambição. — O rei não fazia questão de disfarçar seus planos, mesmo que implicassem uma conduta questionável.

— Pai, não farei nada disso. É uma visita diplomática! — a voz de Craswerdh carregava a firmeza de quem não passaria por cima dos próprios princípios.

— Você não tem visão, Craswerdh! Isso nos daria a liderança planetária. Todas as cidades se curvariam diante de nós.

— Como seu herdeiro direto, não pretendo roubar nada para garantir supremacia. Já conquistamos muito sem recorrer a manobras sujas. Por que mudar agora?

O rei revirou os olhos. Sabia que não mudaria a ética do filho — mas ele ainda era o soberano, e poderia “dar um empurrãozinho” para se transformar não apenas no rei de Tapra Asnaad, mas de todo o planeta Argentium.

Craswerdh assentiu, controlando a própria impaciência. Sabia que precisava se juntar à comitiva da UPC, deixar o salão e cumprir seu papel diplomático. Ao se despedir do pai, dirigiu-se à nave, sentindo o peso das instruções gananciosas que ainda ecoavam em sua mente.

Enquanto isso, a *Antares* permanecia em alerta. O capitão seguia seu instinto: era hora de partir.

— Tenente Mordock, quanto tempo até a nave estar pronta? — a preocupação na voz de Gar denunciava que havia algo errado no jogo político local.

— Um dia, no máximo, capitão. — A engenharia trabalhava em dois turnos para substituir conduítes e consoles danificados pela tempestade subespacial.

— Mantenha-me informado.

— Capitão, recebemos uma mensagem do planeta..., mas não é do reino Tapra Asnaad.

— Na tela.

A imagem revelou uma mulher de longos cabelos metálicos prateados e traje elegante em tons de preto e cinza. O semblante era sério, quase ameaçador.

— Sou a Imperatriz Vlekrook Mitbruin, de Tinium. Soube da chegada de sua nave pelos nossos sensores, mas o senhor não se deu ao trabalho de se apresentar e foi diretamente ao palácio do rei Pympenmith — nosso vizinho e rival. Agora, recebo a informação de que firmou acordos diplomáticos com aquele reino. Poderia explicar? — sua voz cortante transmitia desagrado evidente.

— Sou o capitão Lukin Gar II, da *UPC Antares*, alteza. Vamos esclarecer algumas coisas: a nave do príncipe Craswerdh nos interceptou antes mesmo de alcançarmos a órbita, oferecendo ajuda para reparar danos técnicos após uma tempestade subespacial. Aceitamos. Nenhum outro reino entrou em contato, então concluí — erroneamente, admito — que não possuíam tecnologia para tal. Quanto aos supostos acordos diplomáticos, são inverídicos. Nossa embaixadora pode confirmar pessoalmente, se assim desejar. Enviaremos uma comitiva ao seu reino. Não viemos aqui para criar atritos; muito pelo contrário: representamos uma associação de planetas pacíficos, interessados apenas em relações com outros povos igualmente pacíficos.

Gar foi direto, sem rodeios — a situação exigia objetividade.

— Capitão Gar, receberei sua comitiva amanhã de manhã em meu castelo e tirarei minhas próprias conclusões. — Sem despedir-se, Mitbruin encerrou a transmissão de forma brusca.

— Parece que ela não está para muitos amigos — comentou Dhothos, percebendo o desconforto do capitão.

— É... e não sei o que nosso “amigo” rei andou espalhando, mas o que chegou aos ouvidos dela não foi bom. Vou para meus aposentos. Termine seu turno, Dhothos e descanse. Amanhã você assume esta cadeira novamente. — Gar retirou-se, ainda inquieto com os rumos daquela história.

Bem distante dali, no planeta Capela, as horas avançaram lentamente. No laboratório da universidade em Deneva, a estufa permanecia ligada além do tempo suportável; o superaquecimento já era visível. Trots dormia sobre a bancada. A luz que orbitara o laboratório durante todo aquele ano pairava próxima quando a máquina começou a emitir sinais de perigo. A esfera luminosa transformou-se rapidamente em um pequeno portal, que se expandiu. Bordas com cristais de gelo brilhantes separavam dois mundos: o laboratório de Trots Docet e uma estranha nave cristalina e congelante.

Uma figura feminina imponente, de corpo esbelto, crispado de cristais de gelo, atravessou. O calor do ambiente a fez recuar dois passos. Suas mãos brilharam com magia, criando um escudo protetor. Aproximou-se da estufa e, novamente usando seu poder, alterou geneticamente o fungo, infundindo nele magia sombria, ódio e raiva, moldando-o como uma maldição.

— Que sua ousadia em buscar a eternidade torne seu povo escravo de suas próprias fraquezas. Viverão eternamente ligados à dor, ao desespero e ao ódio. Perderão a individualidade e compartilharão uma vida de penitência, propagando-se como uma praga mortal. Nenhuma geração viverá sem outro ao lado — as mãos brilhavam em púrpura doentio, infiltrando-se no organismo fúngico, que liberava esporos maliciosos no ar contido da estufa.

— Quem é você? O que faz no meu laboratório? — Trots despertou com o alarme estridente, o coração acelerado.

— Sou Egrom, Trots. Chegou a hora da imortalidade..., mas não para todos. Não para você. — A voz dela soava como o tinir de cristais, um vapor frio exalava de sua boca azulada, e cada passo congelava o piso metálico.

Trots estreitou os olhos. Egrom? No panteão de Capela, Egrom era o Guardião da Luz Eterna — e, acima de tudo, uma figura masculina. Então quem era aquela mulher?

O frio lhe subiu pela espinha. A aura que envolvia a impostora era a mesma luz que, meses antes, aparecera em seu laboratório, sussurrando ideias que o levaram à ruína.

— Você... — murmurou, mais para si do que para ela.

— Adeus, doutor, instrumento de destruição e dor. Sem você, nada disso teria sido possível. — Ela se virou, e a claridade gelada a envolveu por completo antes que desaparecesse. O portal fechou-se, voltando a ser um orbe de luz que atravessou o teto e desapareceu.

— O que eu fiz? Maldita máquina, não desliga! — Trots, desesperado, percebeu que a sabotagem era irreversível. Girou-se para correr em busca de ajuda, mas um estalo surdo rompeu o ar — seguido pelo clarão quente que engoliu o laboratório. O chão tremeu como se o planeta respirasse fundo para cuspir fogo. O impacto o lançou contra a parede, e o rugido da explosão foi abafado pelo zunido agudo que tomou seus ouvidos. Fragmentos incandescentes choveram sobre ele e quem estava no pátio da universidade; um ferrolho, arrancado de uma viga, atravessou-lhe o tórax. O sangue, espesso e opaco, escorreu pelo metal retorcido. Ao erguer a cabeça, meio cego pela fumaça e pela luz pulsante, viu a nuvem de esporos se expandindo sobre o céu — e sussurrou suas últimas palavras.

— O que eu fiz...? — antes de sucumbir.

A explosão sacudiu Deneva como se a própria caverna tivesse estremecido de dor. O som reverberou nas paredes rochosas, multiplicando-se em ecos graves que atravessaram ruas, mercados e lares, deixando um silêncio pesado logo depois — o tipo de silêncio que antecede a tragédia.

Do epicentro, uma nuvem de esporos arroxeados ergueu-se em forma de cogumelo, iluminada de dentro por um brilho sombrio e pulsante. Cada filamento gaseificado parecia vivo, movendo-se como tentáculos no ar, espalhando-se em direção ao teto da imensa caverna. Quando tocou o sistema de ventilação, foi como se a cidade inteira respirasse o veneno ao mesmo tempo.

No início, nada aconteceu. Apenas olhares desconfiados e tentativas de manter a calma. Duas horas depois, os primeiros sinais surgiram — cansaço extremo, dores lancinantes nos músculos e nas articulações, febre tão alta que fazia os olhos queimarem. Depois, a falência dos órgãos chegava rápida e implacável.

O terror espalhou-se ainda mais rápido que a praga. Famílias se trancaram em casa, portas e janelas seladas com trapos molhados. Crianças choravam ao ver os rostos febris dos pais. Os gritos de dor ecoavam pelos corredores e túneis. A cada minuto, mais e mais vidas eram ceifadas.

Nos hospitais, o caos assumiu o controle. Médicos e enfermeiros, já suando de febre, continuavam a trabalhar, as mãos trêmulas tentando inserir agulhas, administrar doses de antivirais que nada faziam contra a praga. As macas se acumulavam nos corredores; pacientes eram deitados no chão quando não havia mais espaço. Gritos se misturavam ao som de monitores cardíacos entrando em silêncio.

Alguns profissionais desabavam no próprio turno, caindo ao lado dos pacientes que tentavam salvar. Outros, com a respiração curta e os olhos turvos, recusavam-se a deitar, agarrando-se à ideia de que ainda poderiam fazer algo — qualquer coisa — para impedir que o próximo fosse levado.

Mas a praga não cedia. Em poucas horas, as enfermarias se transformaram em necrotérios improvisados. Quando o caos finalmente cessou, apenas 12 milhões dos 600 milhões de habitantes ainda respiravam — míseros 2% da população. O restante havia sucumbido à maldição invisível que tingira o ar de roxo.

As ruas de Deneva estavam desertas, exceto pelos gemidos e sussurros dos sobreviventes. A nuvem de esporos ainda pairava acima da cidade, tingindo o céu de um roxo opaco, e cada passo ecoava como um presságio de morte. De repente, os primeiros sinais surgiram: estranhos olhares se cruzaram, mãos se tocaram sem intenção, e um arrepio percorreu o corpo de todos.

Alguns poucos, sem sintomas físicos, sentiam um impulso irresistível de se aproximar de outras pessoas. Não importava quem fosse — apenas tocar alguém aliviava o medo avassalador da solidão. Quem não conseguisse ceder a esse impulso era levado a gestos desesperados, alguns ao suicídio.

Do nada, cinco pessoas — um comerciante, uma criança, uma idosa, um soldado e um artista — sentiram uma conexão inexplicável. A dor emocional de um disparou nos outros quatro, e cada alegria ou medo parecia se multiplicar entre eles. Nenhum deles entendia o que estava acontecendo, mas o impulso era irresistível: precisavam permanecer juntos.

Quando tentaram se afastar, o mundo se tornou intolerável: uma pressão lancinante apertou seus peitos, como se algo dentro deles quisesse rasgar suas almas. Gemidos escaparam de suas bocas, e lágrimas escorreram. Aos poucos, perceberam que aquele

vínculo não era apenas emocional — era físico, psíquico, inescapável. Cada ferimento, cada pontada de dor ou calor de medo era compartilhado.

Ao redor, outros grupos de cinco surgiam com a mesma intensidade. Estranhos, desconhecidos, inimigos talvez, agora formavam quintetos inseparáveis. E enquanto a cidade permanecia intacta, uma sensação de terror silencioso se espalhava: a maldição não destruía os corpos, mas tornava cada sobrevivente prisioneiro de uma ligação que nunca escolhera.

A Praga de Capela não se limitou a Deneva. A nuvem de esporos, roxa e ondulante, infiltrava-se pelos dutos de ventilação e se espalhava por cidades subterrâneas como Albion, Leniria, Ilian, Exilia e até a distante Mitrônia. Em cada uma, repetia-se o mesmo destino: multidões caindo em questão de horas, enquanto apenas pequenos grupos de cinco emergiam do massacre, unidos por laços invisíveis. O mundo conhecido estava sendo remodelado não pela morte em si, mas pela estranha compulsão que aprisionava os sobreviventes em quintetos inseparáveis — células de uma nova e aterradora ordem.

As bases da UPC, espalhadas por sistemas estelares próximos, começaram a emitir relatórios alarmantes. Mais de 10 mil capelinos morreram em naves, colônias e planetas isolados. Entre os sobreviventes, os padrões eram idênticos — mas em escala ainda mais perturbadora: quintetos surgiam separados por anos-luz, como se a praga ignorasse distâncias físicas e seguisse uma lógica própria. Pela primeira vez, a UPC cogitou que não enfrentava apenas uma doença, mas uma inteligência difusa, espalhando sua influência como um sino de desespero ressoando pela galáxia.

O Conselho de Capela, alarmado, entrou em contato imediato com a UPC:

— Uma praga se espalhou pelo planeta. Colocamos o sistema em quarentena — informou o conselho. — Mas o alerta não se limita a Capela: a praga já se manifesta em várias colônias e naves. Medidas urgentes são necessárias.

Na **Sede da UPC em Hedén**, a movimentação era intensa. Luzes de alerta vermelhas piscavam pelos corredores enquanto equipes médicas e científicas se dirigiam aos laboratórios e centros de comando. O ar carregado refletia a urgência da situação: a **Praga** havia se espalhado para diversos planetas e bases da galáxia.

O **Secretário de Saúde Pelcior Kastan** reunia sua equipe no salão principal de monitoramento. Sua pele alva e os cabelos loiros antarianos brilhava sob a luz artificial, e a postura firme transmitia autoridade e calma em meio ao caos.

— Relatórios iniciais confirmam: todos os capelinos foram afetados em diferentes sistemas — disse Pelcior, com a voz grave e precisa. — A mortalidade segue o mesmo padrão observado no planeta Capela. Precisamos monitorar cada quinteto de sobreviventes. Cada ligação mental é instável; cada erro pode custar vidas.

Ao redor de Kastan, hologramas mostravam mapas de planetas, bases e naves afetadas. Pontos vermelhos piscavam incessantemente, representando locais onde a praga havia se manifestado.

— Dr. Rani, organize as equipes de contenção e distribuição de medicamentos. — Kastan apontou para a chefe médica, uma antariana experiente. — Antariel, você supervisionará a triagem psicológica dos quintetos; eles sofrem mais do que podemos imaginar.

— Entendido, Secretário — respondeu Antariel, ajustando o visor holográfico que projetava os dados de sobreviventes em tempo real.

Pelcior respirou fundo, observando os números crescerem na tela. Quinze mil, dezesseis mil, dezessete mil... A praga avançava não apenas pela carne, mas pela mente: a cada quinteto formado, os sensores registravam o surgimento de um novo “nó psíquico”, como se a própria epidemia estivesse tecendo uma rede invisível sobre a população.

— Precisamos garantir que cada quinteto seja monitorado, que nenhum fique sozinho — continuou Kastan. — Enviar equipes móveis para planetas afetados é prioridade máxima. Cada contato capelino pode ser a diferença entre vida e morte.

Enquanto as equipes se organizavam, Pelcior mantinha os olhos fixos nos hologramas, traçando rotas de transporte e definindo o envio de medicamentos e reforços médicos. Cada cálculo parecia pesar toneladas, pois qualquer atraso custaria milhares de vidas. — Lembrem-se — disse Kastan, a voz firme e clara sobre o burburinho —, a praga não ataca apenas o corpo. Ela mina a mente, destrói os vínculos e transforma o medo em arma. Nossa resposta precisa ser mais forte que isso. Cada ação nossa decidirá o destino de milhões de capelinos.

O silêncio que se seguiu foi carregado, não de tranquilidade, mas de tensão e propósito. Hedén já não era apenas uma base da UPC: tornara-se o quartel-general da resistência, onde ciência e coragem se erguiam como a última defesa contra a maldição agora conhecida em toda a galáxia como **a Praga de Capela**.

Enquanto isso, longe dali, nas profundezas da órbita de Cireph — a escura lua capelina — escondia-se uma presença observadora. Uma nave cristalina, gélida e silenciosa, pairava sobre o mundo pálido de Capela, acompanhando cada movimento da UPC.

— O primeiro passo foi dado — murmurou a figura feminina ao comando da nave, observando nos monitores o desenrolar de seus atos. — A queda da UPC e a ascensão do poder sombrio começam agora. Não nascerá entre os capelinos aquele que poderá me destruir — e em breve não nascerá em nenhum planeta da União. Nenhuma profecia vai me deter. — A figura pressionou símbolos indecifráveis no painel à sua frente, ligando um comunicador.

— Preparem suas tropas. Dentro de alguns anos, vamos invadir o Núcleo Galáctico e trazer consigo o frio da escuridão primordial, apagando de uma vez por todas a luz áurea.

— Sim, mestre Kapriq. Seguiremos suas ordens — respondeu uma voz pelo comunicador, carregada de selvageria, como se fosse articulada entre longos caninos afiados.

— A escuridão permanece.

— A escuridão permanece, meu pupilo.

Do chão firme de Hedén à órbita silenciosa de Capela, a galáxia inteira parecia suspensa entre esperança e ameaça, entre a luz da resistência e o frio da sombra que se aproximava.

A nave cristalina disparou para o espaço, desaparecendo entre as estrelas, deixando atrás de si apenas a vastidão silenciosa do cosmos.

A luz amarelada da estrela Heze banhava o novo dia a bordo da *UPC Antares*. Pelos corredores, os turnos se alternavam: alguns tripulantes seguiam para o merecido descanso, outros iniciavam mais um ciclo de trabalho intenso, sem saber ainda que a sombra que se erguia na galáxia já tinha nome.

Nos corredores, os alferes realizavam suas rotinas quando pequenos sinais começaram a surgir: um tropeço leve, uma mão à testa, respiração irregular. Sanders apertou o corrimão ao sentir um súbito mal-estar, enquanto febre, confusão e descoordenação se espalhavam gradualmente, atingindo Dhothos, Rii e outros tripulantes. Um frio inquietante pairava sobre a *Antares*, quase imperceptível, mas constante, e pequenos sinais — tosses suaves, olhares perdidos, tremores sutis — se multiplicavam como faíscas de um incêndio prestes a explodir.

No silêncio tenso da nave, a galáxia continuava seu curso indiferente, mas a bordo, a Praga de Capela começava a se infiltrar — invisível, silenciosa, mas inevitável. Cada corpo vulnerável era uma porta aberta, cada febre discreta um prenúncio de caos. E ninguém ainda sabia que a rotina segura da *Antares* estava prestes a se desfazer.

— Tenente Comandante Rii para o capitão — chamou pelo comunicador.

— Sim, tenente. O que houve? — respondeu Gar, terminando seu desjejum.

— Capitão, não me sinto bem esta manhã. Solicito dispensa para descanso... creio que é efeito da vacina do Dr. Alheus — disse Rii, a voz arrastada.

— Tudo bem. Mas, assim que o doutor retornar à nave, procure-o... ou à equipe médica, se piorar.

— Entendido. Rii, desligando.

Gar então acionou o comunicador:

— Comandante Ezequiel, embaixadora Epliblui, Dr. Tyran e Comandante Starscream, encontrem-me na sala de transporte. Temos pressa em resolver a questão com a Imperatriz.

— Entendido, capitão — responderam quase em uníssono, já se dirigindo para o local.

Gar sentiu, por um instante, uma estranha ausência — um vazio que parecia pulsar dentro de si, como se algo ou alguém buscasse conexão. Um formigamento inquietante percorreu-lhe a mente, uma sensação de que não estava sozinho, mas ligado a outro capelino, como se uma força invisível quisesse puxá-lo. Fechou os punhos, respirou fundo e empurrou a sensação para trás. Não podia se permitir fraquejar; havia deveres a cumprir.

Apesar de manter o semblante controlado, Gar ainda sentia a sombra daquela ausência, um eco distante de conexão que não poderia permitir. Pegou seu phaser e prendeu no coldre — um gesto raro para ele — antes de ajeitar o uniforme e seguir para o teletransporte. Ao chegar, todos já estavam prontos.

— Cadê o Tenente Rii? — questionou Tyran, estranhando a ausência.

— Está indisposto. Talvez uma reação à vacina. Quando voltar, dê uma olhada nele — respondeu o capitão.

— Sem problemas. Vamos coloquem seus implantes respiratórios. — disse Tyran, embora o olhar permanecesse pensativo.

— Acionar — ordenou Gar.

O alferes inseriu as coordenadas do Palácio da Imperatriz, e os cinco desapareceram num lampejo suave, enquanto Gar ainda sentia, nas sombras de sua mente, aquele puxão inquietante da ligação que a Praga de Capela tentava estabelecer — e, com uma força de vontade férrea, manteve-se firme, focado na missão.

Ao reaparecer, o ar era frio e carregado, diferente da atmosfera densa e iluminada de Tapra Asnaad. O chão metálico refletia apenas o pouco da luz que penetrava pelas estreitas janelas, e um silêncio pesado pairava sobre o grande hall do palácio. Cada passo do grupo ecoava, lembrando-os de que estavam longe de seu ambiente familiar.

Gar respirou fundo, sentindo a tensão do lugar envolver cada visitante. Estátuas gigantescas surgiam aos poucos, alinhadas ao longo do corredor, com semblantes austeros que pareciam acompanhar cada movimento do grupo. A Imperatriz, sentada num trono negro imponente, ergueu-se com um olhar que os avaliava de cima a baixo, e a sensação de opressão se intensificou: não estavam diante de aliados, mas sob o peso do poder absoluto.

— Imperatriz — saudou o capitão, acompanhado de uma breve mesura do grupo. Ali, não havia abraços calorosos, apenas a frieza de uma soberana ciumenta.

— Capitão Gar. Estou pronta para ouvir seu pedido de desculpas e restabelecer nossas relações... com acordos vantajosos para meu povo e o seu — disse, a voz carregada de altivez.

A embaixadora Epliblui deu um passo à frente.

— Em nome da UPC, peço desculpas pela falha em comunicar nossa chegada. Contudo, acredito que vossa alteza recebeu notícias equivocadas sobre nossa estadia em Tapra. Não houve, nem haverá, troca de tecnologia com eles. Foi apenas um gesto de cortesia do príncipe Craswerdh, sem qualquer exigência em troca.

— Não é isso que o Rei afirma, embaixadora — rebateu a Imperatriz, com um leve sorriso de escárnio. — Pympenmith espalhou aos quatro ventos que seu reino obteve novas tecnologias vindas de seus viajantes espaciais. Isso é uma quebra grave dos termos de paz entre as cidades-estado. Se houver guerra, vocês serão responsabilizados.

O Dr. Tyran, erguendo-se com postura régia, interveio:

— Vossa majestade, o que o Rei Pympenmith declara é uma mentira descarada. Sou médico da nave e herdeiro do trono de meu planeta, e asseguro, de uma realeza a outra, que jamais ofereceríamos tecnologia sem autorização da Presidência da UPC.

— Como capitão da *UPC Antares*, reforço que nada disso ocorreu, nem ocorrerá. Estamos prontos para deixar o planeta e seguir nosso caminho. Emissários da UPC podem visitar e dialogar com todas as cidades-estado para buscar acordos legítimos. Nossa presença aqui foi apenas técnica, em busca de auxílio — completou Gar.

Enquanto isso, Ezequiel permanecia em silêncio, analisando cada detalhe do palácio com seu padscanner.

O comunicador interrompeu a audiência, tocando insistentemente. Gar franziu o cenho.

— Pedi para não sermos interrompidos! — resmungou, antes de atender. — O que foi, tenente Dhothos?

— Aqui é a enfermeira Evistel, capitão. Temos uma situação alarmante e precisamos imediatamente do Dr. Tyran... e do senhor. O Tenente Dhothos está alucinando. Fechara-se na ponte de comando e ameaçava jogar a nave contra a estrela. Todos os capelinos a bordo estão doentes ou enlouquecidos de alguma forma. Precisamos de ajuda rápido! — a voz da enfermeira tremia, quase histérica, quando foi abruptamente interrompida.

— Vou te matar, antariana maldita! — gritou a voz conhecida da Sargento Sanders, os olhos vidrados e a respiração irregular, avançando com mãos ágeis em direção ao pescoço de Evistel. Antes que ela pudesse reagir, ela agarrou sua garganta com força, pressionando com intenção de estrangulá-la. A comunicação caiu subitamente, mergulhando a enfermaria em silêncio mortal, enquanto Evistel lutava desesperadamente pela vida.

— Evistel? Evistel?! — Gar apertou o comunicador. — Teleporte, cinco para subir imediatamente. Nossa conversa vai ter que ficar para depois, Imperatriz.

— Não haverá depois, Capitão Gar — respondeu ela, e, virando-se para seus auxiliares, ordenou: — Preparem o arsenal. Se Tapra acha que vamos aceitar sua supremacia, estão muito enganados. Vamos acabar com esses visitantes indesejados.

Enquanto isso, a *UPC Antares* tentava lidar com a alarmante situação. A tensão não se limitava à enfermaria. A ausência de parte da tripulação essencial deixava setores inteiros vulneráveis. Na engenharia, o calor das turbinas aumentava, os monitores piscavam alertas contínuos e cada engenheiro precisava dobrar o esforço para manter a nave estável. Quem estava de folga fora chamado às pressas, enquanto ferramentas e peças eram distribuídas com velocidade quase frenética, tentando compensar a falta de mãos experientes.

— Alferes Opress, o que está fazendo? Ei! Tire a mão do meu painel de controle! — gritou Mordock, correndo para impedir o alferes capelino, que suava em bicas e tinha o olhar profundo e perdido.

— Não posso viver assim, Tenente. A morte é a solução — respondeu Opress, a voz embargada, olhos desesperados. Ele procurava os outros quatro para se ligar, mas não os encontrava. Não havia conexão possível. Nenhuma saída, exceto aquela.

Antes que Mordock pudesse reagir, Opress acertou-o na cabeça com uma chave de boca. O tenente caiu inconsciente, sangrando. Sem hesitar, Opress correu para o painel do núcleo de dobra.

Olhou em volta, os olhos marejados de dor — desesperado por não conseguir aplacar a solidão que lhe consumia, mesmo cercado por companheiros durante um ano inteiro. Com um último gesto decidido, acionou os mecanismos de ejeção e avançou para a câmara do núcleo. O núcleo de dobra, pulsante e estável, começou a se desprender da nave. Opress travou a porta atrás dele, entrando na câmara onde o cristal central ficava instalado. Um último olhar para a tripulação — uma mistura de desespero e aceitação — antes que os sistemas travassem e a câmara fosse expelida para o espaço.

A *UPC Antares* ficou imóvel. Sem o núcleo de dobra, não havia mais propulsão, e a nave pairava, vulnerável, enquanto o silêncio pesado da engenharia preenchia os corredores.

Quando Gar e sua equipe voltaram à nave, as luzes vermelhas de emergência já pulsavam desesperadamente ritmada com os sinais sonoros.

— Vamos para a enfermaria — disse Tyran, correndo na frente, seguido pelos outros.

— Capitão, a imperatriz tem um amplo arsenal nuclear em sua cidade. Acredito que somos o alvo — alertou Ezequiel, ainda analisando dados enquanto corria ao lado de Gar.

— Mais essa agora... Vá com Tyran para a enfermaria. Eu vou à ponte tentar falar com Dhothos. — Eles se separaram, cada um tomando um corredor. A embaixadora acompanhou Gar, talvez suas habilidades mágicas fossem úteis.

Na enfermaria, Tyran e Ezequiel foram imediatamente atacados por capelinos descontrolados. Ajustaram seus phasers para o modo atordoante, derrubando os mais agressivos sem causar ferimentos permanentes. No chão, encontraram Evistel, o pescoço marcado por hematomas profundos, sem vida, vítima de estrangulamento. As biocamas estavam todas ocupadas, com pacientes amarrados, febris e gemendo de dor, espalhando um clima de caos absoluto.

— Me ajude a colocar os outros em suspensão, Ezequiel.

— Computador, ativar campos de contenção — ordenou Tyran, preocupado com uma possível contaminação viral.

Enquanto isso, Gar avançava pelos corredores da *Antares*, sentindo o peso invisível da ligação que a Praga de Capela tentava estabelecer. Cada passo era acompanhado por um formigamento persistente em sua mente, uma sombra de inquietação que puxava seus pensamentos e ameaçava desviá-lo do foco. Ao chegar diante da porta trancada da ponte, respirou fundo e ergueu a voz com firmeza:

— Abra, Tenente Dhothos! Aqui é o Capitão Gar! — o esforço de resistir à ligação o fez sentir a mente turva, como se pensamentos alheios empurrassem contra os seus.

— Capitão, o senhor está bem? — a embaixadora percebeu sua hesitação e segurou seu braço, evitando que perdesse o equilíbrio.

— Estou... instável — admitiu Gar, respirando com dificuldade, cada pensamento exigindo força para se manter. — A presença deles... puxa minha atenção.

— Vou fazer uma magia de fortalecimento — disse a embaixadora, impondo as mãos sobre a cabeça dele e transmitindo

— Assim que entrei na nave, senti algo parecido. Consegue abrir a porta? — Gar se apoiou na parede, concentrando toda a sua vontade.

— Consigo. — Com energia concentrada, ela forçou as frestas da porta com as mãos, abrindo-as com pura força.

Gar reuniu suas últimas forças e se lançou sobre Dhothos, que, sentado na cadeira do comando, desligava os escudos da nave. Os dois rolaram pelo chão, trocando golpes. Cada soco de Gar fazia o chão tremer sob eles, enquanto o alarme da ponte soava intermitente, refletindo os sistemas desativados. A visão periférica do capitão captou algo flutuando no espaço: o núcleo de dobra, lançado para o vácuo, girando lentamente em órbita.

— Capitão... — a voz da embaixadora soou tensa, arrancando Gar de sua concentração na luta. Seus olhos estavam fixos na tela de monitoramento: dois mísseis nucleares vinham do planeta, cruzando a atmosfera em direção à *Antares*.

— Segure-se!

O impacto da informação atingiu Gar com a mesma força que os golpes que havia desferido. Cada músculo se tensionou, e ele se agarrou a Dhothos, pronto para qualquer novo movimento, consciente de que a batalha na ponte era apenas o começo do desastre que se aproximava.

O impacto não foi uma explosão de luz, mas um rasgo no subespaço quando os mísseis atingiram o núcleo. A *Antares* foi engolida pela distorção e cuspidas milhões de quilômetros longe, sem tempo para ajustar coordenadas. Rii, deitado em sua cama, sentiu o último suspiro escapar entre os dentes, carregado de tristeza — como se todo o seu povo desaparecesse naquele instante.

Por toda a galáxia, a Praga de Capela ceifava vidas. Entre os sobreviventes, laços impossíveis de quebrar se formavam, alterando para sempre a percepção de si mesmos. Enquanto o caos se espalhava, mesmo à distância, a *UPC Antares* sentiu seu reflexo — engolida por uma onda de destruição gerada pelo impacto dos mísseis no núcleo de dobra expelido. Fumaça preenchia os corredores, luzes vermelhas piscavam freneticamente, e destroços jaziam por todos os lados. A explosão havia destruído a maior parte dos sistemas, já que os escudos estavam desligados.

A embaixadora Epliblui tentou se levantar, mas sentiu um estalo de dor: o braço estava quebrado, e uma de suas asas pendia inutilmente. Cambaleando na ponte destruída, encontrou o corpo do Capitão Gar. Um golpe interno havia rompido órgãos vitais, possivelmente uma hemorragia maciça causada pelo impacto; o pescoço também apresentava sinais de fratura. Tentou sentir o pulso — nada. O capitão estava morto.

Dhothos jazia num canto, o corpo contorcido e várias fraturas evidentes, como se tivesse sido lançado pelos corredores como uma marionete sem controle. Sua respiração era curta e irregular, mas cessou pouco depois.

O choque a jogou contra a parede, quebrando seu braço e danificando uma asa. Tremendo, ela se agarrou ao que restava do painel de controle enquanto a *Antares* se contorcia, luzes vermelhas piscando e rangidos metálicos percorrendo os corredores vazios, como se a própria nave chorasse diante da catástrofe.

Entre os fragmentos e a poeira, telas rachadas mostravam imagens distorcidas de algo se aproximando. A silhueta era enorme, metálica, eclipsando a luz distante da estrela. A *Antares*, imóvel e vulnerável, parecia insignificante diante daquela presença colossal até ser engolida completamente.

A nave, os seus ocupantes e os perigos à frente permaneciam um mistério absoluto. A galáxia, silenciosa, aguardava. E a pergunta ecoava entre os corredores destruídos: o que aconteceria agora?

Enquanto a *Antares* desaparecia na vastidão desconhecida da galáxia, Craswerdh atravessava os corredores do palácio de Tapra Asnaad, passos largos e rápidos, o coração acelerado e a respiração curta. Cada segundo perdido poderia custar vidas; o medo de que a *Antares* estivesse irremediavelmente perdida lhe apertava o peito. Ao seu redor, serviçais e oficiais se afastavam, conscientes de que a pressa do príncipe era vital.

Ao alcançar a doca de transporte, não perdeu tempo. Subiu a bordo da *Flexan*, a nave diplomática do reino, e assumiu o comando. Suas mãos tremiam levemente, mas a voz era firme: — Velocidade máxima para as coordenadas especificadas!

— Alteza... essas coordenadas ficam a cinquenta e sete anos de viagem — disse o piloto, a incredulidade evidente, enquanto olhava para os controles como se o destino deles dependesse de um milagre.

— Dalmos — respondeu Craswerdh, olhos percorrendo cada rosto da tripulação, a urgência brilhando em seu olhar —, ou fazemos isso e rezamos para que Aurithia, nossa deusa suprema, nos proteja, ou morreremos tentando. Nosso povo está prestes a se destruir numa guerra nuclear. Precisamos avisar a UPC do que aconteceu com a *Antares* antes que seja tarde demais. Transmitam uma mensagem de socorro constante enquanto viajamos; talvez eles nos escutem antes que o tempo nos mate.

A tripulação se entreolhou, compreendendo o peso da missão. — Estamos com vossa alteza — disseram em uníssono, a tensão nos ombros, os dedos firmes nos controles.

Um oficial interrompeu, hesitante: — Temos uma mensagem do seu pai, Alteza.

— Ignore. Acione os motores — ordenou Craswerdh, o olhar fixo nas estrelas adiante, onde a escuridão engolia tudo que conheciam.

A *Flexan* desapareceu em um clarão que se perdeu no infinito, e o silêncio do espaço profundo pareceu engolir tudo. Milhões de anos-luz dali a *Antares* repousava no hangar da colossal nave desconhecida, pequena e